

**SUPREMO CONSELHO DOS
GRAUS ESCOCESSES
4.º A 33.º PARA O BRASIL**

Registrado como Pessoa Jurídica no 2.º Ofício de Títulos
e Documentos de Brasília, D.F., e no 2.º Ofício de Títulos
e Documentos de São Paulo, S.P.

R I T U A L D O G R A U 9
(CAVALEIRO ELEITO DOS NOVE)



SÃO PAULO — 1976

**SUPREMO CONSELHO DOS
GRAUS ESCOCESSES
4.º A 33.º PARA O BRASIL**

Registrado como Pessoa Jurídica no 2. Ofício de Títulos
e Documentos de Brasília, D.F., e no 2. Ofício de Títulos
e Documentos de São Paulo, S.P.

**RITUAL DO GRAU 9
(CAVALEIRO ELEITO DOS NOVE)**



SÃO PAULO — 1976

Garantimos a autenticidade deste exemplar, propriedade do Supremo Conselho dos Graus Escoceses 4.º a 33.º para o Brasil, e destinado aos trabalhos das RResp. e AAug. LLoj. de Perfeição jurisdicionadas.

Gr.: Secr.: do Sacro Colégio

Gr.: Chanc.: do Sacro Colégio

N.º

Ordenamento e supervisão geral do Ir.: dr. Teobaldo Varoli Filho 33.: — Obras consultadas:

- 1 — “Manual de la Masoneria” (antiga ed. 1875) — Andrés Cassard.
- 2 — “La Symbolique Maçonnique” (1953) — J. Boucher.
- 3 — “Freemasons Guide and Compendium” (1951, parte) — Bernard Jones. (Nesta obra o autor trata mais de assuntos do Rito de York, mas oferece subsídios que muito importam à Maçonaria e ao R.: E.: A.: A.: de um modo geral).
- 4 — “Mackey’s Masonic Encyclopoedia”.
- 5 — Rituais escoceses (México, Uruguai, antigos de Espanha e Portugal e, principalmente, da Bélgica — Rituais franceses).
- 6 — Rituais anteriores do Supr.: Conselho do Gr.: 33.: do Rito E.: A.: e A.: para os Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil). — (Antigo Supremo Conselho da Rua do Carmo, Rio de Janeiro).
- 7 — Resoluções e Anais do Supremo Conselho, Reunião em Lausanne, Suíça.

(Revisão tipográfica: Oswaldo L. Faria 33.:).

ÍNDICE

Págs.

PRIMEIRA PARTE - INTRODUÇÃO AO GRAU 9.º

I - A Câmara	5
II - Os títulos	7
III - Moral do Grau	8
IV - Variedade de Rituais	9
V - Cobridor do Grau	9
VI - Indumentária	11
VII - Proibição sobre avental	11
Plano da Câmara e descrição do Plano	12/13
VIII - Uso das espadas	14
IX - As Sessões	14
X - Tolerância de marcha	15
XI - Recomendação	15
XII - Exames obrigatórios	16

SEGUNDA PARTE - RITUALÍSTICA E CATECISMO DO GRAU

XIII - Abertura dos trabalhos (em qualquer sessão)	17
Sessões ordinárias:	
XIV - Aprovação de ata. XV - Expediente.	
XVI - Propostas e informações	20/21
XVII - Ordem do dia. XVIII - Tronco de benef.	
XIX - Escrutínios secretos. XX - Palavra a bem do Rito, etc.	21/22
XXI - Encerramento de Sessão ordinária	22/23
Sessões de Iniciação:	
XXII - Preparação (Procedimentos preliminares)	23/24
XXIII - Ritual de Iniciação (1.º ato)	24/27
Intervalo entre os dois atos	27
2.º ato - Julgamento, perdão e consagração	28/32
Encerramento da Iniciação	32/33

Primeira Parte

INTRODUÇÃO AO GRAU 9.º (CAVALEIRO ELEITO DOS NOVE)

I

A CÂMARA

O local de iniciação e dos trabalhos representa uma das salas de audiências do palácio real de Salomão, coberta de luto, simbolicamente, para o que se pode aproveitar o Templo Maçônico usual, cobrindo-se as paredes de cortinado preto salpicado de lágrimas de prata e, facultativamente, pintado de chamas vermelhas no centro das paredes Norte e Sul, entre as lágrimas.

As mesas dos oficiais que ficam aquém da Grade podem ter, à frente, uma coluna simples de cada lado; a da direita de cada titular é vermelha (o Sol, o masculino e ativo, Inteligência, Vigor e Glória); a da esquerda é branca (a Lua, o feminino e passivo, Sabedoria e Vitória). Tal simbolismo, derivado da magia medieval, exprime os respectivos conceitos sobre as colunas "J" (vermelha) e "B" (branca), respectivamente. Como isso não serve nem mesmo de hipótese para o Templo ou o Palácio de Salomão, interpretam-se os conceitos apenas no sentido ético e para respeitar uma tradição do Rito. Ainda, as referidas colunas podem reduzir-se a duas, colocadas entre os lugares comuns do 1.º e 2.º Vigilantes e ambas pintadas de listras alternadamente brancas e vermelhas, verticais ou com uma côr em cada aresta, se forem prismáticas e longas, como obeliscos. Se as duas colunas forem roliças, as listras brancas e vermelhas são oblíquas e espiraladas, à maneira salomônica. Não há esquecer que, no legítimo escocismo, os Vigilantes são colocados rigorosamente o 1.º a noroeste e o 2.º a sudoeste, e não como nas inovações feitas no simbolismo.

Na iniciação fica vago o lugar do 1.º Vigilante, cuja cátedra e respectivo altar são cobertos de pano preto, simples ou com lágrimas prateadas. Também desta vez o 1.º Vigilante passa a ocupar o Trono, à direita do Venerável e como Hirão, rei de Tiro, mas a sua presença é facultativa, eis que não tem função, a não ser em trabalhos comuns e no seu costumeiro lugar.

Importante para a iniciação é o centro da câmara, simbolicamente denominado Oito e Um Igual a Nove. O Oito é o Octógono Regular de velas Brancas, em cujo interior é colocado o Altar de Juramentos. Este é coberto de pano preto e por cima deve ter a Constituição do Supremo Conselho sob o Pentateuco e, sobre este livro, duas espadas maçônicas cruzadas, cujas lâminas apontem para nordeste (a de cima) e sudeste (a de baixo). Entre os dois punhos das espadas coloca-se um punhal de cabo doirado e lâmina prateada, de ponta para o Ocidente. O punhal é a Jóia do grau. O Octógono é formado por oito castiçais com velas brancas, altas e acesas, tudo com disposição simétrica, a rodear o Altar e com o cuidado de as linhas imaginárias do Octógono serem paralelas nos lados Norte-Sul e Este-Oeste.

Adiante dessa composição, isto é, entre o Octógono e a entrada da Grade do Oriente, está o Um, representado por um castiçal com vela de cera de abelhas (amarela), também acesa.

Próximo à entrada do Oriente, ou, se não houver espaço, no próprio Oriente, diante do Trono ou sobre o Retábulo, coloca-se, sempre de modo ostensivo e bem visível, o **Painel do Grau**, representativo da Lenda dos Eleitos dos Nove. É a figura, preferivelmente colorida, pintada, gravada ou impressa, de uma **Caverna**, cuja entrada, coberta por um **Espinheiro**, deixa entrever, no interior da gruta, a **Lâmpada** (numa saliência um pouco alta), a **Fonte** e, no chão irregular, o corpo de um morto decapitado, vestido de túnica branca ensanguentada no peito, desde o lugar junto ao pescoço, e o restante salpicado de sangue. A cabeça do morto pode estar ou não atirada diante dos pés desunidos, ensanguentada nas faces, nas longas barbas e no corte do pescoço (a cabeça é levada a Salomão). Além disso, diante dos pés do morto, no chão um tanto ensanguentado, deve estar um punhal de cabo doirado e

lâmina prateada tinta de sangue. A composição do painel é livre e pode ser de uma vista do alto ou lateral, de maneira a expor todas as figuras.

Como não mais se usa retirar da Câmara os candidatos à iniciação, durante o cumprimento do respectivo ritual, não é conveniente expor o Painel fora do recinto ou na usual Câmara de Reflexões.

É permitido à Oficina construir cenários e fazer com que os Obreiros do Grau representem a lenda diante dos candidatos, mas os originais do drama devem ser aprovados pelo Supremo Conselho.

II

OS TÍTULOS

É de rigor que a Loja do Grau 9.º se denomine "**Capítulo dos Eleitos dos Nove**".

O presidente representa **Salomão** e tem o tratamento de **Muito Poderoso Mestre**. Há rituais do escocismo que apresentam Hirão, rei de Tiro, à direita ou à esquerda de Salomão, no Trono e ambos coroados, vestidos com a túnica real e com o cetro na mão direita. Isso é facultativo neste ritual.

Na loja **há um só Vigilante**, com o nome obrigatório de **Stolkin** ("água corrente"), com assento a sudoeste, isto é, no lugar costumeiro. Isso é cumprido durante a iniciação e também deveria ser praticado em trabalhos comuns, mas o costume de trabalharem dois Vigilantes nas sessões ordinárias tornou-se inevitável. Stolkin, por via de regra, é o 2.º Vigilante. O 1.º é Hiram, rei de Tiro (sem função, no grau).

Todo candidato à iniciação é denominado "**Joaben**" (corruptela de IHAOBEN = "Filho de Deus").

Os demais Irmãos são apenas Cavaleiros ou **Mestres Eleitos dos Nove** e os demais titulares têm a denominação comum relativa aos cargos maçônicos em Loja.

O suposto matador de Hiram Abif, desta vez, não é "**Jubelum**". É **Abi-Râmah**, palavras que se traduzem por

“parricida” ou “matando ou abatendo o pai”. **Abiram** ou **Abairam** são corruptelas. Em rituais antigos o matador era “**Akirob**”.

III

MORAL DO GRAU

A primeira lição moral do grau é a de que o **Maçom** abomina a vingança. As palavras **Begogal-Khol** ou **Behohal-Chol** e outras corruptelas significam “em abominação de tudo”.

Nekam quer dizer “vingança” e se contrapõe a **Nekaj**, palavra esta corrompida por **Nechah**, a que os maçons franceses deram o significado de “il frappe” (“ele bate, ou melhor — “isso comove”). (Pronuncia aspirado o “j” final).

A segunda lição moral do grau sobreleva a Verdade e a Justiça, de modo mais enfático do que no simbolismo. Ensina-se ao Cavaleiro Eleito dos Nove a ser corajoso na defesa da Verdade e no domínio das próprias fraquezas.

Da defesa da Verdade resulta o corolário de repúdio às mistificações e às invencionices que enganam a Humanidade. Observa-se que o próprio **Maçom** também pode ser presa da mentira e do engodo das afirmações dogmáticas. Isso chegou a ocorrer com muitos maçons que acreditaram na “antiguidade milenar” da Maçonaria, sem observar que foi a Arte de Construir a mais antiga, e não a Sublime Instituição. A Maçonaria apenas hauriu certas tradições nascidas desde as primeiras civilizações, entre as quais os preceitos da velha Sabedoria aliados à lembrança de práticas da Arte da Edificação, denominada Arquitetura na Antiguidade Clássica.

Atualmente, a verdadeira História da Maçonaria é ensinada desde o grau de Aprendiz, mas o Cavaleiro Eleito dos Nove é quem mais deve estudá-la, à luz de novos e autênticos conhecimentos que se encontram em boas obras. Em toda sessão de grau 9.º deve haver um espaço de tempo para lições e debates sobre a História da Sublime Instituição.

A importância moral do grau 9.º não se limita apenas ao que foi exposto. No grau, demonstra-se que a Liber-

dade é condição “sine qua non” para a perfeita Investigação da Verdade. O contundente **Espinheiro**, símbolo da ocultação, do nocivo dogmatismo e do obscurantismo, traduz a dificuldade de se removerem os óbices ao triunfo da Inteligência. A Caverna, por sua vez, representa a Consciência Humana, impenetrável, coberta pelo **Espinheiro**. É uma alusão às consciências mal formadas, presas da ignorância e das paixões vis, além de dissimuladas. É tudo quanto acaba por matar o Espírito.

IV

VARIEDADE DE RITUAIS

Em cada país onde haja um Corpo Maçônico escocês, ou um Supremo Conselho, os rituais são diferentes, principalmente os do grau 9.º. No Brasil, o grau de Eleito dos Nove tem sido enxertado de idéias políticas e sectárias e de opiniões pessoais. A cerimônia de iniciação tornou-se confusa, principalmente por sujeitar os candidatos a diálogos ainda não conhecidos por eles próprios.

Neste ritual consta o original e o essencial do grau, para o que basta a explicação da lenda. Quanto à tragédia, se os Obreiros do grau quiserem representá-la de modo teatral, deverão seguir o drama preconizado pelo Supremo Conselho, ou submeter os originais à aprovação dos órgãos superiores competentes.

V

COBRIDOR DO GRAU

(Estudo obrigatório)

BATERIA — A original e verdadeira é oito e um (TTTTTTTT-T). É a que fica adotada, em substituição a TT-TT-TT-TT-T.

SINAL DE ORDEM — Não há sinal de ordem, no grau. É errado a prática em contrário, mas a disciplina impõe que os Irmãos levem a mão direita naturalmente sobre o coração, enquanto ficarem de pé.

IDADE — Oito e um anos.

TOQUE — O Irmão que se der a reconhecer apresenta ao outro a mão direita fechada, com o polegar levantado. O outro, com a mão direita, segura-lhe o polegar, mas também mantém o próprio polegar direito erguido.

TEMPO DE PARTIDA EM BUSCA DO TRAIADOR — À primeira hora do anoitecer, ou logo depois do crepúsculo.

TEMPO DE TRABALHO — Do amanhecer ao anoitecer.

RECONHECIMENTO COMPLETO, EM LOJA OU NA ANTECÂMARA OU ATRIO — Para tanto, há sinais conjugados com palavras e não, propriamente, palavras sagradas e de passe. O Cobridor ou Guarda, ou quem deva exigir o reconhecimento, depois do Toque e da indagação da Idade, simula a atitude de ferir a fronte do examinado com um punhal, para o que ergue e avança a própria mão direita fechada e com o polegar erguido. O examinado passa ambas as mãos no próprio rosto e leva-as à frente, para olhar as palmas, como se estivessem ensanguentadas e pronuncia "BEHOGAL", ao que o examinador responde "KHOL" (e não "Chol" sibilante e chiado). A seguir, o suposto ferido ergue a mão direita com o polegar levantado e simula apunhalar o coração do antagonista, pronunciando "NEKAM" (vingança), ao que o então suposto apunhalado leva a mão direita ao próprio coração, respondendo "NECAJ" ("isso abala, comove"; o "j" é aspirado, à espanhola e não tem cabimento dizer NECHAH). Essas duas palavras são havidas por "sagradas", em vários rituais.

É importante conhecer a antiga palavra "BIKKO-ETHR", em desuso no Brasil e em outros países. O seu significado esotérico era este: "Por intermédio dele (Johaben) e por ele, tudo de abominável se descobre, por mais oculto que esteja, assim como foi descoberto Jubelum Akirob, vulgo Abi-Râmah (o parricida ou matador de Hiram Abif)". Essa interpretação também foi transferida para a nova palavra.

VI

INDUMENTÁRIA

O avental é de pele de carneiro, branca, salpicado de gotas cadentes, de sangue, e forrado e orlado de preto. Na abeta, u'a mão ou um braço que empunha um punhal de cabo doirado e lâmina de prata manchada de sangue. Na face ostensiva do avental — um braço que segura pelos cabelos uma cabeça de homem barbudo, cortada e ensanguentada.

A fita, usada a tiracolo da esquerda para a direita (e não ao contrário, como se tem praticado no Brasil), é larga, preta, com a extremidade a cair à direita do corpo e com a guarnição de nove rosetas de esmalte vermelho (5, 3 e 1) em cuja ponta, com bainha ou não (vermelha) deve ficar pendurada a Jóia do Grau — um punhal de cabo doirado e lâmina de prata.

IMPORTANTE — Na parte da Câmara que rodeia o Altar de Juramentos, principalmente, todos devem usar a indumentária do grau, inclusive aqueles que, dispostos a ajudar os trabalhos, possuam graus mais altos. No mais são conduzidos ao Oriente os que, possuindo grau que lhes conceda esse direito, não participem dos trabalhos.

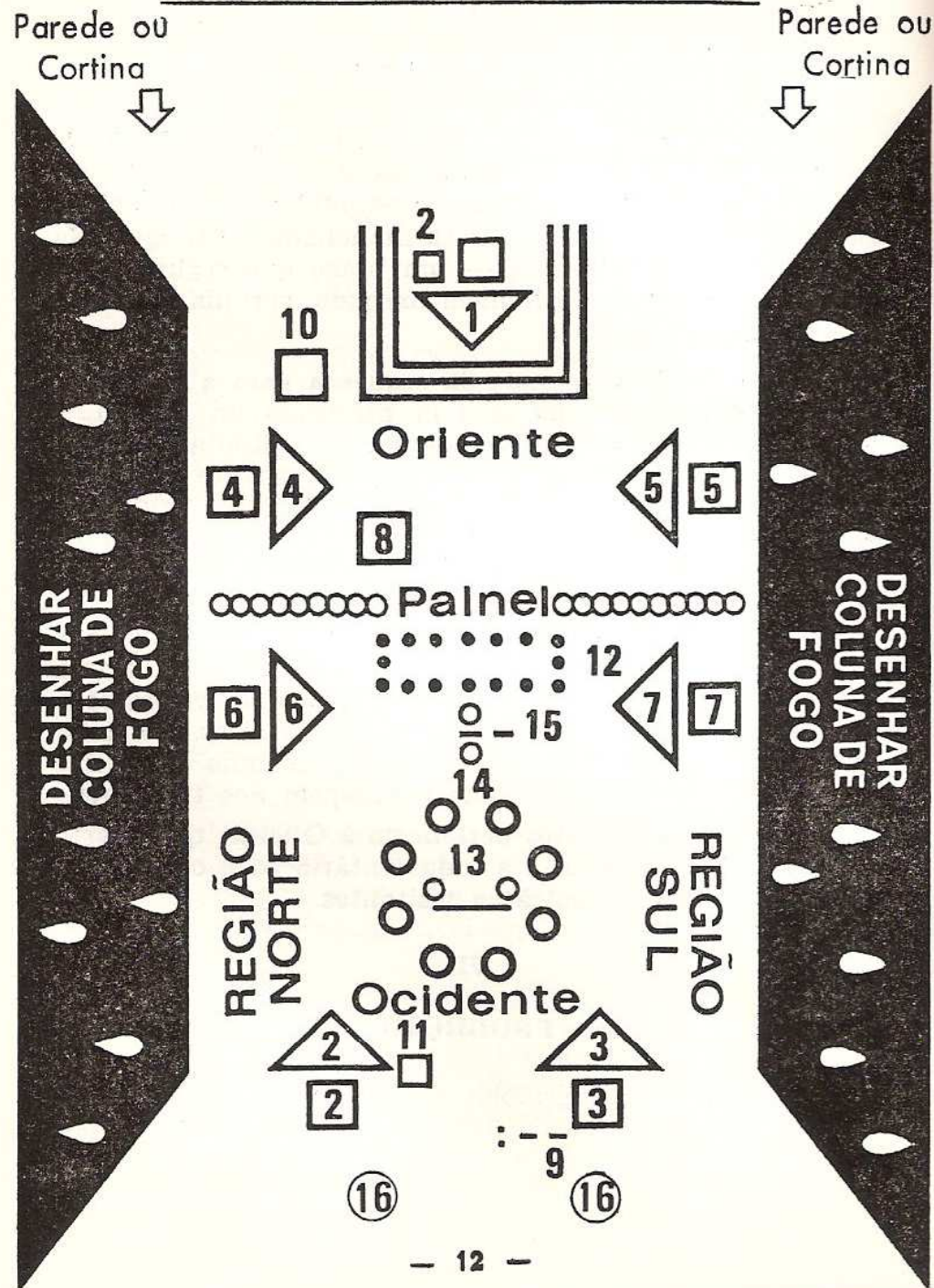
Todos os paramentos pertencem à Oficina, que deve possuir todo o material e a indumentária para os próprios Irmãos e para distribuição a visitantes.

VII

PROIBIÇÃO

É expressamente proibido exibir o avental do grau 9 diante de profanos ou em festas brancas. Permite-se, porém, o uso da fita e de avental simples, isto é, branco orlado de preto, sem nada mais.

Plano da Câmara do Grau 9.º



DESCRIÇÃO DO PLANO DA CAMARA

- 1 — Salomão (Muito Poderoso Mestre).
- 2 — (No Oriente) — Hirão, rei de Tiro (1.º Vig.).
- 2 — (No Ocidente) — 1.º Vig.º.
- 3 — (No Ocidente) — Stolkin (2.º Vigilante)
- 4 — Secretário dos Eleitos dos Nove.
- 5 — Tesoureiro dos Eleitos dos Nove.
- 6 — Orador ou Eloquentes dos Eleitos dos Nove.
- 7 — Hospitaleiro dos Eleitos dos Nove.
- 8 — Chefe do Cerimonial ou Mestre de Cerimônias dos Eleitos dos Nove.
- 9 — CHEFE DA GUARDA DOS NOVE ou Guarda da Câmara Real, ou, simplesmente, Guarda da Câmara.
- 10 e 11 — Expertos (Qualquer deles pode representar Desconhecido).
- 12 — Painel da Lenda do Grau (Coberto no começo da iniciação).
- 13 — Altar de Juramentos, mais amplo, com a Constituição, o Pentateuco, as Espadas Cruzadas e o Punhal.
- 14 — Os castiçais dispostos octogonalmente. (O Oito).
- 15 — O castiçal com vela de cera natural. (O Um).
- 16 — As duas colunas alvi-rubras.

VIII

USO DAS ESPADAS

No grau, os Irmãos da Câmara devem usar as espadas à esquerda, com cinto e bainha. Ao ouvirem — “guarda!”, desembainharão as espadas e as apontarão para o Oriente, conforme o ritual.

IX

AS SESSÕES

Nenhuma reunião pode ser aberta sem a presença mínima de nove Cavaleiros Eleitos dos Nove ou de Irmãos já colados no grau, respeitada também a hierarquia na direção dos trabalhos, conforme os regulamentos.

Para as sessões comuns ou econômicas, serve o Templo usual. Para as iniciações, prepara-se a Câmara (ver item I).

Salvo se já for conhecido ou reconhecido, nenhum Irmão poderá entrar na Câmara sem ter sido rigorosamente examinado pelos Sinais, Toques e Palavras. O reconhecimento sempre deve ser feito exclusivamente na antecâmara ou átrio, pelo 1.º Vigilante e pelo M. de Cerimônias, antes da sessão, e pelo Guarda da Câmara, durante a sessão e para os retardatários.

As sessões comuns seguem a mesma seriação de trabalhos do simbolismo: abertura, leitura e aprovação da ata da sessão anterior, expediente, bolsa de propostas e informações, ordem do dia, Tronco de Beneficência. Palavra a Bem da Oficina ou Capítulo e do Rito e encerramento. O 1.º Vigilante ocupa o seu costumeiro lugar. Substitue-se a palavra “coluna” pela palavra “região”. Na Câmara há Região Norte e Região Sul.

Na iniciação, a Ordem do Dia é unicamente a cerimonia e o 1.º Vigilante, com assento no Trono, ao lado de Salomão, não tem função nenhuma. Stolkin é quem anuncia as ordens de Salomão no grau (ele representa o favorito do rei). Essas ordens são sempre diretas, do Oriente

para Stolkin e deste para os oficiais. O encerramento da iniciação é instrutivo e, por isso, de ritual especial.

Antes de qualquer sessão, depois de examinados os Irmãos, na antecâmara, e de todos já estarem revestidos de suas insígnias, os Irmãos se põem em duas filas e entram em ordem, até chegarem aos seus lugares, onde ficam de pé, aguardando que o M. Poderoso Mestre chegue ao Trono (na iniciação, ele chega ao Trono acompanhado do 1.º Vigilante). Chegado ao Trono, para o qual entra pela porta esquerda, o M. Poderoso bate uma vez no balcão ou o cetro e todos sentam-se.

X

TOLERÂNCIA DE MARCHA

Por motivos de melhor doutrina, neste ritual não se admite marcha, a qual, rigorosamente, não existe, no grau. Porém, como no Brasil há o costume arraigado de se exigirem nove passos seguidos, três com o sinal de Aprendiz, três com o sinal de Companheiro e três últimos com o sinal de Mestre, as Oficinas devem tolerar visitantes insistentemente dessa maneira. Visitantes estrangeiros podem empregar outras marchas, como a de Oito e Um e a do Hexágono e mais um passo mais largo para o Oriente. Ainda há os que andam cruzando os pés e descrevendo um círculo, mantendo as duas mãos nas faces e pendendo um pouco a cabeça para a direita. Essa prática se refere aos caminhos tortuosos para se chegar à Caverna e à necessidade de se proteger a cabeça contra os espinhos e outros obstáculos. Neste ritual isso é apenas lembrado na iniciação. Velhos rituais exigiam que os Obreiros se mantivessem nessa posição, mas sentados, no momento em que entravam os candidatos à iniciação. Essa posição difícil foi abandonada.

XI

RECOMENDAÇÃO

O Supremo Conselho dos Graus Escoceses 4.º a 33.º

para o Brasil se esforça para que se cumpram as práticas ritualísticas mais generalizadas do escocismo, estabelecendo um denominador comum e a instrução autêntica e rigorosa em cada grau. Por isso, recomenda às Oficinas o estudo completo deste ritual, do começo ao fim, eis que tudo quanto consta deste opúsculo é instrução.

Neste ritual não há palavras secretas invertidas, costume que não produziu resultado algum para a conservação do sigilo maçônico.

XII

EXAMES OBRIGATÓRIOS

Nenhum Irmão pode ser guindado ao grau 9.º sem o perfeito ou suficiente conhecimento dos graus 4.º a 8.º, sobre os quais deverá ser interrogado até a sessão anterior à iniciação, ocasião em que, além de ser novamente arguido, deverá apresentar um trabalho escrito sobre a doutrina dos mesmos graus, com o texto de duas a três folhas datilografadas ou de extensão equivalente e de espaços normais. Nessa mesma sessão, a Oficina examinará e discutirá as provas orais e escritas do candidato, em loja do grau 8.º, e aprovará ou não a elevação do candidato ao grau 9.º, secretamente.

Segunda Parte

RITUALÍSTICA E CATECISMO DO GRAU

XIII

ABERTURA

(Depois de cumpridas as formalidades do item IX deste ritual, onde se trata das sessões).

MESTRE DE CERIMÔNIAS — (Bate Palmas, entre colunas — TTTTTTTTT-T) — Muito Poderoso Mestre Salomão, está reunido e composto o Capítulo dos Cavaleiros Eleitos dos Nove, em número regular, e todos os presentes estão revestidos de suas insígnias, ocupando os respectivos lugares.

MUITO PODEROSO MESTRE (SALOMÃO) — Agradeço a vossa comunicação, Cavaleiro Mestre do Cerimonial. Podeis ocupar o vosso lugar.

(O M. de CC. vai para o seu lugar).

SALOMÃO — Irmão Stolkin, todos os presentes são Eleitos dos Nove?

STOLKIN — Como tais os reconheço.

SALOMÃO — Mandai verificar se estamos a coberto.

STOLKIN — Irmão guarda da Câmara, cumpri o vosso dever.

(O Guarda faz a verificação, fora da Porta e na Câmara e com a bateria do grau, dada com o punho da espada, na Porta e como de costume):

GUARDA DA CÂMARA — Irmão Stolkin, estamos a coberto de estranhos a este Capítulo dos Eleitos dos Nove.

STOLKIN — Estamos a coberto, M.º. Pod.º. Mestre.

SALOMÃO — Ir.º. Stolkin, por que sois Eleito dos Nove?

STOLKIN — Entrei numa caverna iluminada por uma lâmpada que me fez ver uma fonte cristalina, na qual aplaquei minha sede.

SALOMÃO — Quem encontraste na caverna?

STOLKIN — Jubelum Akirob, alcunhado Abi-Râmah, também conhecido por Abairam, matador de nosso mestre Hiram Abif. O criminoso dormia e tinha a seus pés um punhal.

SALOMÃO — Que representa Hiram Abif entre os Eleitos dos Nove?

STOLKIN — A Inteligência que descobre a Verdade, cuja condição de existir é a Liberdade consagrada pelo Direito Natural e pelas nações realmente civilizadas.

SALOMÃO — Que representa Abairam?

STOLKIN — Tudo quanto é mal, como os vícios, as paixões ignóbeis, a corrupção, o crime, a ignorância e todo cerceamento à Liberdade.

SALOMÃO — Quem vos guiou à caverna?

STOLKIN — Um desconhecido, com o qual percorri caminhos difíceis, até encontrar um Espinheiro que moraria a Caverna.

SALOMÃO — Que fizestes e como vos sentistes?

STOLKIN — Os caminhos que percorri me obrigavam a andar irregularmente, cruzando as pernas, a pendurar minha cabeça para a direita e a proteger meu rosto com as mãos. O cansaço exacerbava a minha indignação. Ao entrar na Caverna, não resisti. Tomei do punhal e matei o traidor Abairam, que a cada golpe por mim desferido gritava: — N...!, palavra que quer dizer "vingança". Matei o traidor, desobedecendo à ordem real, mas fui perdoado pelo pedido de outros Eleitos dos Nove. Aprendi que não se pune um crime com outro crime e que a vingança é sempre abominável e jamais será Justiça.

SALOMÃO — Que representa a Caverna?

STOLKIN — A Consciência Humana, quase sempre coberta e impenetrável.

SALOMÃO — Que representa o Espinheiro?

STOLKIN — A ignorância e seus frutos, os preconceitos, o fanatismo, o dogmatismo e tudo quanto possa impedir que a Luz penetre na Consciência Humana.

SALOMÃO — Abairam está realmente morto?

STOLKIN — Caiu sob os meus golpes de punhal e cortando a cabeça, mas ele sempre revive nas consciências humanas.

SALOMÃO — Hiram Abif está morto?

STOLKIN — Tem tombado inúmeras vezes. O crime contra ele é sempre perpetrado. Contudo, ele sempre revive como a Verdade indestrutível. **Hiram é imortal!** (x)

SALOMÃO — Que idade tendes, Irmão Stolkin?

STOLKIN — Oito e um anos completos.

SALOMÃO — A que horas partiram os Eleitos em busca do traidor?

STOLKIN — A primeira hora da noite, logo depois do crepúsculo.

SALOMÃO — A que horas começam os Eleitos os seus trabalhos?

STOLKIN — Ao amanhecer, quando o Sol desponta para difundir a Luz.

SALOMÃO — Que horas são?

STOLKIN — Amanhece. Os Eleitos voltaram, depois de cumprirem o seu dever.

SALOMÃO — (Bate TTTTTTTTT-T).

STOLKIN — (Bate TTTTTTTTT-T).

(Todos se levantam e levam a mão direita ao coração).

(Stolkin sai do seu lugar e vai ao Oriente trocar com Salomão os Sinais, Toques e Palavras como se descreve no Item V deste ritual. As palavras são pronunciadas de maneira que todos possam ouvir. Stolkin volta ao seu lugar).

SALOMÃO — Irmãos Eleitos dos Nove! Pela causa da verdadeira civilização! Pela Luz que deve iluminar a Consciência Humana! Pelo extermínio da ignorância e em defesa da Ciência e do ensino em todos os graus! Pelo reino da Verdade e da Justiça, **EM GUARDA!**

(Todos desembainham as Espadas e as apontam para o Trono. Os que não estiverem armados, simulam essa atitude).

(Pausa curta, para contemplação).

SALOMÃO — Embainhai vossas espadas, Irmãos.
(Os Irmãos cumprem a ordem e se mantêm de pé com a mão direita na região cordial).

SALOMÃO — A mim, Irmãos, pela Bateria! (Todos cumprem a bateria, com palmas ou com o Malhete — TTTTTTTT-T).

SALOMÃO — Estão abertos os nossos trabalhos. Sentemo-nos. (T).

NOTA (x) — "HIRAM É IMORTAL!" é exclamação imprescindível no legítimo escocismo.

XIV

Leitura e aprovação da ata da sessão anterior e de ocorrências apostiladas no livro do grau

SALOMÃO — Cavaleiro Secretário dos Eleitos, tende a bondade de nos dar conta de nossos últimos trabalhos e das ocorrências lançadas em vosso livro e ainda não comunicadas pelos Irmãos deste Capítulo dos Eleitos dos Nove. (O Secretário cumpre a ordem sentado).

SALOMÃO — Cavaleiros Eleitos dos Nove, se tendes algo a observar sobre o balaustre que acaba de ser lido, podeis manifestar-vos.

(Reinando silêncio):

STOLKIN — Reina silêncio nas regiões Norte e Sul, Muito Poderoso Mestre.

SALOMÃO — Cavaleiro Orador, manifestai-vos.

ORADOR (sentado) — Pela aprovação.

(Se houver observações, o Orador se manifestará pela aprovação com as emendas).

SALOMÃO — Os que aprovam, manifestem-se pelo sinal de costume.

(O Mestre do Cerimonial levanta-se, faz a verificação e pronuncia o veredito, por unanimidade ou maioria absoluta).

SALOMÃO — Está aprovado o balaustre (ou com as emendas).

XV

EXPEDIENTE

SALOMÃO — Cavaleiro Secretário dos Eleitos dos Nove, informai-nos se há expediente.

(O Secretário informa, como no simbolismo. Se houver atos e decretos do Supremo Conselho, pedirá ao Mestre de Cerimônias que encaminhe os respectivos textos para o Orador, que os lerá, diante de todos postados de pé e com a mão direita levada ao coração. No mais, procede-se como no simbolismo).

XVI

BOLSA DE PROPOSTAS E INFORMAÇÕES

SALOMÃO — Irmão Stolkin, ordenai que se cumpra o giro da Bolsa de Propostas e Informações.

STOLKIN — Irmão Mestre do Cerimonial, cumpri o vosso dever.

(O Mestre de Cerimônias começa o giro sem mais anúncios, partindo do Oriente e do Muito Poderoso e seguindo pelo Sul, Ocidente e Norte. Terminado o giro, comunica o Orador e o Secretário a acompanhá-lo ao Trono. O Muito Poderoso Mestre, como no simbolismo, esvazia a Bolsa, mostrando-lhe o avesso e anuncia se o giro produziu ou não colunas gravadas, do mesmo modo que no simbolismo. No grau, como se nota, o giro é muito mais rápido, por se tratar de uma Câmara Circular).

XVII

ORDEM DO DIA

A Ordem do Dia é anunciada diretamente pelo Muito Poderoso Mestre. **Em havendo iniciação, esta será a única na Ordem do Dia.** Na iniciação é também dispensado o giro da Bolsa de Propostas e Informações.

SALOMÃO — Cavaleiros Eleitos dos Nove, a Ordem do Dia é a seguinte: (comunica). (Ou anunciará que o Irmão tal irá descrever o conteúdo de uma peça de Arquitetura).

XVIII

TRONCO DE BENEFICÊNCIA

SALOMÃO — Irmão Stolkin, ordenai que se cumpra o giro para o Tronco de Beneficência.

STOLKIN — Irmão Hospitaleiro dos Eleitos dos Nove, cumpri o vosso dever.

(O Hospitaleiro cumpre a ordem, sem anúncios e diretamente, procedendo como o M. de Cerimônias no giro da Bolsa de Propostas e Informações. Cumprido o giro, leva a sacola ao Orador, para conferência. O Orador anun-

ciará, sentado, o resultado da coleta. O Muito Poderoso, diretamente do Trono, confirmará a coleta e ordenará ao Hospitaleiro que entregue os metais ao Tesoureiro. Não há, no grau, as formalidades do simbolismo. Tudo cumprido, o Hospitaleiro volta ao seu lugar).

XIX

ESCRUTÍNIOS SECRETOS

O 1.º ou o 2.º Experto são encarregados da distribuição das esferas. O Mestre de Cerimônias se encarregará do recolhimento dos votos e das esferas restantes. Proceder-se-á como no giro da Bolsa de Propostas e Informações, com assistência do Secretário e do Orador e com a final comunicação do Muito Poderoso. Substitui-se a palavra Bolsa de Propostas e Informações por "Escrutínio Secreto".

XX

PALAVRA A BEM DO RITO ETC.

SALOMÃO — (T) — Cavaleiros Eleitos dos Nove. Diretamente do Trono eu vos concedo a Palavra a BEM DA ORDEM, DO RITO E DESTE CAPÍTULO.

(A começar do Sul, os Irmãos pedem a palavra, erguendo a mão direita em esquadria. Stolkin, que governa as regiões Sul e Norte, anuncia ao Muito Poderoso que um Cavaleiro pede a palavra. Ao que o Muito Poderoso responde: — Podeis concedê-la. Ao que Stolkin, dirigindo-se ao Irmão que deseja falar, bate uma vez o Malhete e proclama: — "Tendes a Palavra, Cavaleiro". O Irmão que pediu a palavra levanta-se, coloca a mão direita sobre o coração e manifesta-se).

(Terminado o uso da palavra nas duas regiões, Stolkin, se quiser falar, bate uma vez o Malhete e se manifesta, sentado. Se não quiser falar):

STOLKIN — Reina silêncio em ambas as regiões, Muito Poderoso Mestre.

(O Venerável dirige, como de costume, a palavra do Oriente. Terminadas as manifestações, dará a palavra ao Orador, para as conclusões ou para o encerramento).

XXI

ENCERRAMENTO PARA OS TRABALHOS COMUNS

(Não vale para a sessão de iniciação).

SALOMÃO — (T) — Irmão Stolkin, que idade tendes?

STOLKIN — Oito e um anos completos, Muito Poderoso Mestre Salomão.

SALOMÃO — A que horas terminam os Cavaleiros Eleitos os seus trabalhos?

STOLKIN — Ao anoitecer ou quando os Cavaleiros Eleitos dos Nove nada mais têm a fazer.

SALOMÃO — Qual é o tempo de trabalho dos Cavaleiros Eleitos dos Nove?

STOLKIN — Do amanhecer ao anoitecer.

SALOMÃO — Que horas são?

STOLKIN — Anoitece. É hora de partirmos.

SALOMÃO — (Bate TTTTTTTTT-T).

STOLKIN — (Bate TTTTTTTTT-T).

(Todos se levantam e levam a mão direita ao coração. Stolkin sai do seu lugar e vai ao Trono trocar Sinais, Toques e Palavras com o Muito Poderoso, como se descreve no item V deste ritual. Terminada essa passagem, Stolkin volta ao seu lugar).

SALOMÃO — Irmãos Eleitos dos Nove! Pela Luz que deve iluminar a Consciência Humana! Pelo extermínio da ignorância e em defesa da Ciência e do Ensino em todos os graus! Pelo reino da Verdade e da Justiça!

EM GUARDA!

(Todos desembainham as Espadas e as apontam para o Trono. Os que não estiverem armados simulam essa atitude).

(Pausa curta, para contemplação).

SALOMÃO — Embainhai vossas espadas, Irmãos.

(Os Irmãos cumprem a ordem e se mantêm de pé com a mão direita na região cordial).

SALOMÃO — A mim, Irmãos, pela Bateria! (Todos acompanham, com palmas, a bateria comandada por Salomão e seguida por Stolkin — TTTTTTTTT-T).

SALOMÃO — (T) — Estão encerrados os nossos trabalhos. Retiremo-nos (T).

(Todos se retiram em ordem inversa à da entrada).

XXII

PREPARAÇÃO

Prepara-se a Câmara como consta do item I deste ritual, mas o Pannel é coberto de pano preto. Uma lanterna

na é colocada ao Sul da Porta da Câmara. A princípio, a iluminação da Câmara e da antecâmara ou átrio é reduzida, limitando-se, quando possível, a velas acesas e aos focos ou quebra-luzes que apenas iluminam as superfícies dos altares. Na oportunidade, somente ficarão acesas as velas do Octógono e a de cera natural.

Sobre a mesa do Trono deve haver uma urna artística.

Os candidatos à iniciação, todos simbolicamente denominados Joaben (Iahoben, um qualquer filho de Deus), devem já ter sido aprovados em sessão anterior. Permanecem no átrio ou antecâmara, acompanhados do 1.º Experto e revestidos de suas insígnias de Mestre de Israel. A um deles (mesmo que seja o único), no momento preciso indicado no ritual, será confiada uma ligeira parte na representação da tragédia, razão pelo qual o 1.º Experto, logo na preparação, entregar-lhe-á um punhal, que o escolhido embainhará à sua direita na cintura do próprio avental.

Toda a preparação e instrução preventiva dos candidatos será cumprida pelos dois Expertos, no átrio. Um dos Expertos, preferivelmente o 2.º, fará o papel do Desconhecido, no momento preciso, em que também será uma pessoa qualquer, um filho de Deus ou Iahoben.

Os trabalhos são abertos como consta do item XIII deste ritual, mas a ata anterior referente à aprovação dos candidatos deve ser lida apenas no tópico que interessar aos presentes, e só não deverá ser admitida à votação se já aprovada anteriormente.

Cumpridas as missões indicadas no ritual, ou as ordens do M. Poderoso, cada Obreiro, por via de regra, voltará ao seu lugar, independentemente de qualquer determinação. A iniciação requer dos Obreiros iniciativa, liberdade de ação e suficiente conhecimento do ritual. Certas passagens devem ser proferidas de cór. Além disso, a cada um dos presentes à Sessão Magna deverá ser fornecido um ritual.

XXIII

RITUAL DA INICIAÇÃO

MUITO PODEROSO MESTRE (SALOMÃO) — Meus Irmãos, a Ordem do Dia é a iniciação, no grau de Cava-

leiro Eleito dos Nove, dos Mestres de Israel (cita os nomes lendo uma por uma as cédulas individuais adrede colocadas sobre o altar ou mesa do Trono). Pela ata que foi lida, tendes conhecimento de que esses Irmãos foram regularmente examinados e aprovados para alcançarem o grau 9.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (T) — Irmão Mestre de Cerimônias, ide ao encontro dos candidatos verificar se estão devidamente preparados e perguntar-lhe o que desejam.

(O M. de Cerimônias sai para cumprir a ordem, para o que o Guarda da Câmara lhe abre a Porta, que logo é fechada. No interior da Câmara deve reinar absoluto silêncio e os presentes devem manter uma atitude de tristeza, o que se faz com a cabeça baixa a pender para a direita, posição essa que deve ser conservada ainda quando os candidatos entrarem).

(Tudo cumprido, o M. de CC. . . bate à Porta com o Mestre de Israel).

MESTRE DE CERIMÔNIAS — (De fora, bate TTTTTT) GUARDA DA CAMARA (Interno) — Ir. . . Stolkin como Mestre de Israel batem à Porta.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, batem à Porta como Mestre de Israel.

SALOMÃO — Verificai quem assim bate e o que deseja.

STOLKIN — Irmão Guarda da Câmara, verificai quem bate e o que deseja.

GUARDA DA CAMARA (entreabrindo a Porta) — Quem vos acompanha Ir. . . M. . . de Cerimônias?

MESTRE DE CERIMÔNIAS (de fóra) — São os Mestres de Israel (vai dizendo os nomes, enquanto o Muito Poderoso Mestre vai colocando as respectivas cédulas na Urna, de modo a excluir os candidatos ausentes).

GUARDA DA CAMARA (ao M. de CC. . .) — Que desejam eles?

M. DE CERIMÔNIAS — Pedem eleição.

GUARDA DA CAMARA (sem fechar a porta e voltando-se para Stolkin) — Irmão Stolkin, é nosso Irmão Mestre de Cerimônias conduzindo os Irmãos Mestres de Israel (nomes) os quais pedem eleição.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, nossos Irmãos Mestres de Israel (nomes) conduzidos pelo nosso Irmão Mestre de Cerimônias, pedem eleição.

SALOMÃO — Que venham à nossa presença.

(Com o M. de Cerimônias à esquerda, os candidatos entram formalmente, com os cinco passos iguais de seu grau).

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Mestres de Israel, de há muito tomais parte nos trabalhos do Templo. Fieis aos vossos compromissos, auxiliastes-nos com lealdade. Tendes aprendido que os primeiros cuidados de um construtor da Grande Obra é libertar a própria inteligência. Estais convencidos dessa Verdade?

CANDIDATOS — Sim.

SALOMÃO — Irmão Stolkin, por que estamos aqui reunidos?

STOLKIN — Hiram Abif, a inteligência que nos guiava, está morto, por obra de traidores. Os trabalhos do Templo estão abandonados, por faltar-lhes a direção do Mestre, o Elevado, o Gênio, o Espírito que nos guiava. É como se matassem o Espírito do Homem, o que nunca seria possível, pois o Espírito é imortal.

SALOMÃO — Se o Espírito é imortal, que razão haveria para interrompermos os trabalhos do Templo?

STOLKIN — É que enquanto estiverem vivos e à solta os matadores de Hiram Abif, os trabalhos do Templo não podem prosseguir. Há sempre o risco de sofrermos as consequências perpetradas por traidores que perseguem e chegam a matar os mais competentes arquitetos da Grande Obra.

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Irmãos .. (nomes), ouvistes e creio que entendestes. Desde que estais entre nós, continuais sofrendo ao peso do trabalho interrompido. Apesar de nossos esforços, a Humanidade continua sufocada pela ignorância, pela corrupção, pelos vícios e pelo crime. Não nos importa saber até quando deveremos lutar pela implantação do Reino da Sabedoria. Continuaremos a lutar e jamais desanimaremos. Compartilhais de nossos sentimentos?

CANDIDATOS — Sim.

SALOMÃO — Pedistes eleição?

CANDIDATOS — Sim.

SALOMÃO — Ainda não podemos saber se vosso desejo será satisfeito. Devereis ser escolhidos entre noventa e dois que pediram eleição. Se fordes sorteados, ficareis sujeitos ao cumprimento de missões muito mais severas do que aquelas que vindes cumprindo até agora. Por isso devemos conhecer as vossas tendências e se tendes a indispensável bravura para cumprir as nossas resoluções e nossos altos desígnios. Cavaleiro Mestre de Cerimônias examinai detidamente os candidatos.

(O M. de CC. . . toma da lanterna, que irá aproximando do rosto de cada candidato, sem exceção).

SALOMÃO — Ir. . . Mestre de Cerimônias, respondei-me, com segurança. Vistes nas fisionomias desses candidatos sinais de temor ou de insinceridade, de paixões vis de servidão às conveniências de interesse pessoal, de submissão aos preconceitos e às falsas convenções ou de qualquer estigma denunciador da estupidez que engendra o fanatismo e as superstições?

M. DE CERIMÔNIAS — Nada consegui notar nos candidatos sobre tais defeitos.

SALOMÃO — Estais seguro de que esses candidatos têm confiança em si mesmos? Garantís que não são suspeitos de aprovarem, em silêncio, o assassinio de nosso Mestre? Continuarão eles sempre limpos e puros, de modo a merecerem a nossa confiança?

M. DE CERIMÔNIAS — Muito Poderoso Mestre, pelo que demonstraram nos trabalhos do Templo e pelo comportamento que sempre revelaram, só posso afirmar que revelam Inocência e Sinceridade e que são dignos da nossa confiança. Jamais poderíamos julgar esses candidatos senão pelos seus próprios atos, pois as aparências enganam e a Consciência é impenetrável.

SALOMÃO — (Larga o Malhete ou o cetro sobre a mesa e assume um ar contristado) — Realmente! Quanto é difícil penetrar na Consciência Humana e quantas vezes ela é presa de circunstâncias que a arrastam a imitações condenáveis e a paixões ignóbeis! (Pausa) — Irmãos Cavaleiros Eleitos dos Nove, se confirmai as palavras sinceras de nosso Irmão Mestre de Cerimônias e se estais certos de que esses candidatos são dignos da missão que lhes será confiada, manifestai-vos pelo sinal do costume.

(Todos estendem o braço horizontalmente e para a frente e, se houver oposição, a Câmara será coberta aos Candidatos, para discussão e resolução final).

(Havendo aprovação):

M. DE CERIMÔNIAS — Aprovado, M. Poderoso Mestre.

(NOTA — Quando não houver oposição, a aprovação pode ser proclamada diante dos candidatos).

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Irmãos .. (nomes), persistis no desejo de vos tornardes Cavaleiros Eleitos dos Nove?

CANDIDATOS — Sim.

SALOMÃO — Cavaleiro Orador, explicai aos candidatos o juramento que deverão prestar.

ORADOR — (sentado) — Eis o juramento que deveis prestar: — Juro por minha fé de Maçom, perante esta assembléia e em presença do Supremo Arquiteto do Universo, que jamais revelarei os segredos de um Cavaleiro Eleito dos Nove, a não ser quando deva comunicar-me com Irmão já colado e jurado nesse grau, mas isso para fins de reconhecimento e com a condição de jamais revelar os assuntos sigilosos da Câmara dos Eleitos dos Nove à qual eu vier a pertencer. Juro cumprir fielmente todas as obrigações deste grau e sacrificar aos manes de Hiram Abif toda e qualquer infidelidade, infração ou transgressão.

A segunda e última parte do juramento é de significado puramente simbólico e simplesmente obedece a uma tradição. Exprime o vosso sacrifício que consiste em manter-vos afastados de nós para sempre, esquecido, eis que, se vierdes a enveredar no caminho da ignorância, sereis como um cego de alma e a vossa presença entre nós será inútil, como a de um corpo morto entregue aos abutres. Não deveis emprestar outros significados às palavras que ireis proferir.

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Ouvistes do Ir. . . Orador as explicações sobre o juramento que deveis prestar, se quiserdes alcançar o grau de Cavaleiro Eleito dos Nove. Estais dispostos a prestar esse juramento?

CANDIDATOS — (Respondem. Quem se negar será retirado delicadamente da Câmara).

SALOMÃO — Cavaleiro Mestre de Cerimônias. Levai os candidatos ante o Altar de Juramentos e fazei-os ajoelhar, de acordo com os nossos costumes.

(O M. de CC. . . cumpre a ordem e faz com que os candidatos se ajoelhem — com os dois joelhos e que o primeiro coloque a mão direita sobre o Pentateuco e, com a mão esquerda, o punhal sobre o coração. Os demais pousarão a mão direita sobre o ombro direito do candidato que estiver à sua frente e todos formarão uma fila, ajoelhados. Isto cumprido):

SALOMÃO — (T) — De pé e pelo sinal cordial, meus Irmãos!

(Toda a Câmara se levanta e todos levam a mão direita ao coração).

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Repeti as palavras de vosso juramento, conforme eu vos ditar:

Eu, (nome), JURO, POR MINHA FÉ DE MAÇOM, PERANTE ESTA ASSEMBLÉIA E EM PRESENÇA DO SUPREMO ARQUITETO DO UNIVERSO, QUE JAMAIS REVELAREI OS SEGREDOS DE CAVALEIRO ELEITO DOS NOVE, A NÃO SER QUANDO DEVA COMUNICAR-ME COM IRMÃO JÁ COLADO E JURADO NESSE GRAU, MAS ISSO PARA FINS DE RECONHECIMENTO E COM A CONDIÇÃO DE JAMAIS REVELAR OS ASSUNTOS DA CÂMARA DOS ELEITOS DOS NOVE A QUAL EU VIER A PERTENCER. JURO CUMPRIR FIELMENTE TODAS AS OBRIGAÇÕES DESTES GRAU E SACRIFICAR AOS MANES DE HIRAM ABIF TODA E QUALQUER INFIDELIDADE, INFRAÇÃO OU TRANSGRESSÃO; SE EU FALTAR A ESTE MEU JURAMENTO, CONSINTO EM SER IMOLADO E QUE MEUS OLHOS, VAZADOS POR FERRO EM BRASA, SEJAM PRIVADOS DA LUZ; QUE MEU CORPO SEJA ENTREGUE AOS ABUTRES; QUE MINHA MEMÓRIA SEJA EXECRADA POR MEUS IRMÃOS. ASSIM SEJA!

TODOS — Assim seja!

SALOMÃO — Podeis levantar-vos. (T) — Os demais Irmãos podem sentar-se. (Aos candidatos) — Ouvi, agora, a Lenda do grau de Cavaleiro Eleito dos Nove. Irmão Orador, tendes a palavra.

(O M. de Cerimônias descobre o Pannel do Grau. Se a Loja não possuir o Pannel, os candidatos se limitarão a ouvir a Lenda):

ORADOR — Morto Hiram Abif por obra de traidores, os trabalhos do Templo foram suspensos e, assim, os Obreiros não puderam receber os seus salários. Salomão, que já havia mandado prestar as homenagens fúnebres a Hiram Abif, seu principal intendente vitimado e morto pelos traidores, desgostou-se ainda mais com tal situação dos Obreiros. Reuniu, então, uma assembléia, à qual compareceram noventa Mestres de Israel, para com ele deliberarem a maneira de descobrir o principal autor da morte de Hiram Abif e os dois cúmplices desse crime.

Na reunião, Salomão lembrou aos Mestres de Israel um édito que mandara publicar para conhecimento de todos os habitantes de seu reino, com a ordem de uma rigorosa busca dos traidores, mediante recompensa a quem os encontrasse e os prendesse, a fim de conduzi-los à Câmara Real, para o devido julgamento.

Durante a reunião surgiu um Desconhecido, que afirmava haver encontrado o esconderijo de Jubelum Akirob, já conhecido por Abi-Râmah ou Abairam, apelido que quer dizer "o matador do pai", ou melhor, o "assassino do Mestre".

Surpreenderam-se os Mestres de Israel pelo fato de Salomão haver admitido a presença do Desconhecido em plena Câmara, mas logo compreenderam a resolução do Rei Sábio. O Desconhecido falou que partira de madrugada e que percorrera caminhos escabrosos, até encontrar uma Caverna encoberta por um Espinheiro, situada perto das costas de Jopa, e na qual vira entrar um homem, cujas características e sinais coincidiam com os de Jubelum Akirob, conforme constava do édito real.

Ofereceu-se o Desconhecido para acompanhar e guiar até a Caverna os que quisessem prender Jubelum Akirob. Ordenou o rei, então, que de uma Urna em que estivessem encerradas peças gravadas com os nomes dos noventa Mestres, fossem sorteados NOVE ELEITOS. Estes receberam com alegria a ordem de prender Jubelum Akirob e arrastá-lo ao julgamento. Entre os Nove Eleitos estava Joaben ou IAHOBEN, nome que quer dizer simplesmente "filho de Deus", como que a designar um homem qualquer ou um Obreiro modesto e sem grandes pretensões, senão a de servir ao Criador.

Os Nove Eleitos partiram, acompanhados do Desconhecido, à primeira hora da noite, logo depois de posto

Sol. Percorreram caminhos difíceis e perigosos, que os obrigavam constantemente a caminhar cautelosamente e guardando as pernas, para não caírem. Muitas vezes também eram obrigados a protegerem seus rostos com as mãos, para não serem feridos por plantas cheias de espinhos, ou de abrolhos e ramos contundentes.

Ao chegarem perto da Caverna, Joaben, entusiasmado, apressou-se, para adiantar-se de seus companheiros. Ao entrar na Caverna, depois de afastar os ramos do Espinheiro que a encobriam, percebeu, à Luz de uma Lanterna que lá estava, o cintilar das águas que saíam de uma Fonte e o brilho de um punhal aos pés de um homem deitado, que dormia serenamente, como se fosse um inocente.

Joaben apanhou o punhal, ao que o homem levantou-se prontamente, para tomar-lhe a arma. Então, Joaben não reconheceu o Companheiro assassino de Hiram Abif e indignado, entrou em luta com ele. Jubelum Akirob, muito mais forte, estava a ponto de dominar Joaben até que foi ferido no rosto. Então, o assassino de Hiram leva as mãos às faces e, vendo as palmas das próprias mãos ensanguentadas, exclama, indignado: — NEKAN! (Vingança!); mas o intrépido Joaben, encolerizado, continuou a golpeá-lo com o punhal, e, a cada ferimento, o seu conador voltava a exclamar: — NEKAN!, até cair morto, quando apunhalado no coração.

Ainda sedento de vingança, Joaben cortou a cabeça de Abi-Râmah, Abairam ou Abiram. Não satisfeito, largou a cabeça e o punhal ensanguentados aos próprios pés, ao se aproximar da fonte, da qual bebeu avidamente a água, para aplacar a sede intensa que sentia. Então, exausto e insolento, deitou-se e adormeceu profundamente.

Os oito outros Eleitos chegaram atrasados, com o Desconhecido e, ao verem Joaben adormecido, com a cabeça de Abi-Râmah e o punhal aos pés, gritaram: — NEKAN! NEKAN! Ao que Joaben despertou, sobressaltado e gritando: — NEKAN!

Perturbados com a inesperada tragédia, pois tinham ido ao local apenas para prender Abi-Râmah, os eleitos censuraram Joaben, exprobando-lhe o crime e a desobediência às ordens do Rei, mas, também aflitos pela sorte do exaltado companheiro, que teria de ser preso e levado ao julgamento presidido por Salomão, resolveram cumprir

esse dever, comprometendo-se a solicitar o perdão real para o infeliz. Assim, Joaben foi levado à presença do Rei, **com a cabeça de Abairam em sua mão esquerda, suspensa pelos cabelos e o punhal homicida, instrumento de vingança, na mão direita.**

Durante o julgamento, Joaben foi severamente acusado e censurado, pois deveria ser condenado à pena capital, mas, graças ao seu passado de lealdade e fidelidade, de seus bons préstimos como Obreiro do Templo e do zelo que finalmente demonstrara, embora com excesso, foi perdoado por Salomão.

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Ouvistes a lenda dos Eleitos dos Nove. Como todas lendas maçônicas, ela é puramente simbólica. Jamais aconteceu, mas a sua narração é sugestiva, para lembrar-vos que doravante vossos deveres de Maçom passam a ampliar-se, envolvendo maiores responsabilidades.

Até agora aprendestes mais a elevar o vosso espírito, mantendo a vossa mente disposta a combater os vícios e paixões que flagelam a Humanidade, e construindo o vosso Templo íntimo, tornando-vos um exemplo moral para os que vos cercam. Aprendestes a usar dos vossos instrumentos de Trabalho e a empregar os vossos conhecimentos em benefício do Templo Social.

Jubelum Akirob, apelidado Abi Râmah ou “o matador do Mestre”, também conhecido por Abairam, Abiram ou Abibala, foi um dos três infieis Obreiros que empregaram os seus incipientes conhecimentos e os próprios instrumentos de trabalho para agredir e, finalmente, matar Hiram. Foi ele, Abi Râmah, o autor do golpe último e mortal desferido na cabeça do Mestre, seu superior na Arte de Construir e mais avançado na Via do Conhecimento. Invejoso, ambicioso e vaidoso, porque sua mente era mais ligada ao próprio corpo, isto é, ao mesquinho interesse pessoal e à materialidade, do que à Sabedoria. Por isso, a sua cabeça foi separada do corpo, como sugere a alegoria.

Nós, Maçons, sobrelevamos a Inteligência e a Sabedoria, sempre atacadas pelos ignorantes, pelas mentalidades inferiores ou mediocres que invertem os valores humanos.

Quantos outros se assemelham a Abi-Râmah, assassino da Inteligência, a começar pelos déspotas que, em defesa das próprias posições ou de seus falsos princípios

ou dogmas, sufocam as liberdades e os direitos humanos, entravando o progresso do Conhecimento e o desenvolvimento das coletividades para um mundo melhor. Ou os que se aproveitam da Ciência para destruir e matar. Ou os que arrastam as multidões ignaras à demagogia, ao fanatismo, ao terrorismo e até ao genocídio. Ou certos donos dos meios de comunicação, que exploram em proveito próprio e se enriquecem, mentindo, caluniando, sugestionando as turbas e enveredando-as para todos os erros e vícios, para a infidelidade, para a decadência moral. Ou os fabricantes de guerras. Ou os que se aproveitam da ignorância para incutir nas almas inocentes a superstição ou a imitação dos piores vícios. Ou os que se engrandecem e se tornam chefes ou aureolados de injusta fama, às custas da exploração das vaidades humanas, da corrupção e de todos os meios de enganar impunemente as massas. Ou os que, mesmo inconscientemente, ofendem a Natureza, poluindo os ambientes ou exterminando as espécies animais e vegetais, com prejuízo do equilíbrio ecológico, dádiva do Supremo Arquiteto do Universo. Ou os que ocultam ou deturpam a Verdade, em detrimento da Liberdade, do Progresso, da Paz e da verdadeira Justiça.

Nós, Maçons, buscamos a verdadeira fórmula de conciliar o homem considerado isoladamente, com o homem social, certos de que não há indivíduo capaz de viver, de modo absoluto, fora de uma coletividade. Somos construtores sociais e sucessores dos que erguiam Templos e Palácios, que construíam pontes e estradas, que produziam Beleza e Bem Estar para a Humanidade. Sabemos que a História pode ser como uma série de iniciações desordenadas dos seres humanos e, por isso, assumimos a obrigação de encontrar uma Ordem mais estável para todo esse Caos. O mundo que buscamos é aquele construído de tal modo que não haverá proveito algum em fazer mal, em guerrear, em explorar o próximo. Será o mundo do Amor, da Fraternidade, da Igualdade e da verdadeira Justiça.

A Verdade pode estar oculta, por ignorância de quem a busca ou por obra de seus detratores. Nem todos os crimes contra a Humanidade são revelados ou efetivamente demonstrados. Quanta má intenção pode residir nas consciências humanas, a despeito dos esforços dos mais hábeis psicanalistas e psicólogos! Quantos merecem per-

dão, por ingenuidade ou ignorância e quantos lograram fugir à devida correção!

Os Eleitos partiram em busca da Verdade e da Justiça, à primeira hora do anoitecer. Preferiram o sigilo e por isso investigaram mesmo durante a noite, em companhia do Incognito. Andaram por caminhos difíceis, pedregosos e cheios de abrolhos. Chegaram à Caverna, isto é, à Consciência, que lamentavelmente estava coberta por um Espinheiro. Encontraram a triste verdade por **caminhos desconhecidos**.

Quantos caminhos para a Verdade são desconhecidos pelo Homem!

O Maçom Eleito deve ser um bravo capaz de lutar pela Verdade e enfrentar os caminhos mais difíceis. Deve lutar pela Liberdade, pela qual sempre poderá surgir, de alguém até então Desconhecido, uma idéia nova ou uma descoberta aproveitável para o Bem da Humanidade. Deve exterminar a Ignorância, contribuindo, com todas as suas forças, para a causa do Ensino e da Instrução a todas as criaturas, sem distinção de classe, de raça, de sexo ou de nacionalidade. Deve estimular o desenvolvimento das Ciências e das Artes. Deve lutar pelos Direitos do Homem, impondo a Tolerância para todas as idéias bem intencionadas. Deve enfrentar as massas envenenadas por falsos conceitos e arrastadas a violências. Deve exigir a mais perfeita Justiça, como não deve esquecer a importância do Perdão para aqueles que são arrastados a erros, por negligência ou omissão de outros, ou por engodos perpetrados por solertes e supostos donos da verdade. Deve evitar, sempre, que a Técnica esteja a serviço da decadência, da destruição e da morte. Deve, enfim, fazer triunfar os imperecíveis postulados da Maçonaria.

Contudo, a luta de um Maçom Eleito jamais será a da violência contra a violência, o que seria um propósito tão abominável como o da vingança. O verdadeiro Maçom tem por armas a Palavra e a Inteligência. Hiram Abif conhecia a Palavra e representava a Inteligência. Era a Perfeição que todos nós, Maçons, buscamos ávidamente.

Pela Palavra e pela Inteligência ressuscitamos Hiram Abif. O Mestre sempre reviverá!

Respondei-me, Irmãos que vos candidatastes à missão dos Eleitos, quereis estar entre os Escolhidos da Maçonaria?

CANDIDATOS — Sim!

(O 2.º Experto sai da Câmara e, na antecâmara, vestido de balandrau, despe-se de seu avental e cobre o rosto com um capuz ou máscara).

SALOMÃO — (Retirando as cédulas da urna) — Vosso desejo foi satisfeito. Irmão Mestre de Cerimônias, conduzi os Irmãos (vai lendo os nomes escritos nas cédulas) ao Oriente e à minha presença.

(NOTA IMPORTANTE - Todos os candidatos são Eleitos, mas nove, apenas, tomarão parte na tragédia a seguir, e os demais simplesmente assistirão à cerimônia. Se não houver nove candidatos, o 1.º Experto, que neste momento deverá aproximar-se dos recipiendários, escolherá, com o Mestre de Cerimônias, os restantes, entre Irmãos presentes. Somente nove serão levados ao Oriente e os demais recipiendários ficarão de pé, aquém da Grade, onde estavam. Terminada essa composição o Guarda da Câmara baterá levemente à Porta, no grau, sinal para que o 2.º Experto se prepare para entrar como o Desconhecido).

O DESCONHECIDO — (De fóra, bate irregular e fortemente).

GUARDA DA CAMARA — Irmão Stolkin, batem de modo estranho à Porta da Câmara.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, batem de modo estranho à Porta da Câmara.

SALOMÃO — Em guarda, Irmãos! (T) (Todos se levantam, de espada em punho, mas Salomão e Stolkin permanecem sentados).

(Breve pausa).

SALOMÃO — (T) — Irmão Stolkin, mandai verificar quem assim bate.

STOLKIN — Irmão Guarda da Câmara, verifiquei quem é o estranho que bate à Porta.

(O Guarda abre a Porta e pergunta):

GUARDA — Quem sois?

O DESCONHECIDO — Sou um homem qualquer, que soube do édito do Rei e que conseguiu encontrar o esconderijo do assassino de Hiram Abif.

GUARDA — (voltando-se para o interior da Câmara) — Irmão Stolkin, é um Desconhecido que afirma ter encontrado o esconderijo do assassino de Hiram Abif.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, é um Desconhecido que afirma ter encontrado o esconderijo do assassino de Hiram Abif.

SALOMÃO — Dai-lhe ingresso imediatamente e conduzi-o à minha presença. Irmãos, embainhai vossas espadas e sentai-vos.

(Todos se sentam e assumem um ar perplexo, encarando-se uns aos outros. O M. de Cerimônias conduz o Desconhecido ao Oriente, diante do Trono, do qual Salomão desce, pelo Sul, para aproximar-se do recém-chegado, sobre cujos ombros e de frente pousa as duas mãos).

SALOMÃO (Ao Desconhecido, a quem segura pelos ombros) — Quem sois?

O DESCONHECIDO — Sou um Iahoben, um filho de Deus, um homem qualquer. Sabendo do vosso édito, investi por toda a parte, para encontrar o esconderijo de Abi-Râmah, o matador de Hiram Abif. Certa vez, partindo de madrugada, tive de percorrer caminhos difíceis, até encontrar, perto das costas de Jopa, uma Caverna, oculta por um Espinheiro. Vi entrar na Caverna alguém que, pelos traços fisionômicos, se assemelhava a Abi-Râmah e aqui vim para servir-vos. Estou pronto a acompanhar até a Caverna os que forem por vós escolhidos entre os ex-companheiros do indigitado assassino do Mestre-Construtor, para que seja reconhecido e preso, de acordo com as vossas ordens reais.

SALOMÃO — Esperai. (Deixa o Desconhecido e volta ao Trono).

(Sentado no seu trono, Salomão, de mão direita à testa, põe-se a pensar, por um instante e pergunta):

SALOMÃO — Irmão Stolkin, que horas são?

(A Câmara se escurece ainda mais, com o apagar das luzes mais intensas).

STOLKIN — O Sol acaba de se ocultar no Poente. Começou a noite. É hora de partir.

SALOMÃO — (T) — Eleitos, podeis partir com o vosso guia, para encontrar Abi-Râmah, prendê-lo e trazê-lo à minha presença, para julgamento.

(Silêncio, ou música adequada. O Mestre de Cerimô-

nias e o Experto organizam o préstito dos Eleitos, com o Desconhecido à frente. Acompanham o préstito, descendo pelo Sul, ao lado do Círculo, mas, ao ser este transposto, fazem os itinerantes cobrir as faces com as mãos e andar com passos cruzados, como quem, caminhando sobre pedrouços, deva também proteger o rosto, contra espinhos, galhos e saliências contundentes. O préstito, desse modo, fará uma circunvolução comum — Ocidente, Norte. limite do Oriente, Sul, contornando o Círculo; vai até a Porta, que por sua vez é aberta pelo Guarda para permitir a saída dos Eleitos com os dois Expertos, eis que o M. de CC. não sai e volta para o seu lugar. Fechada a Porta):

SALOMÃO — (T) — Irmão Stolkin, anunciai que vamos suspender os nossos trabalhos até a volta dos Nove Eleitos.

STOLKIN — (T) — Cavaleiros Eleitos dos Nove das regiões Norte e Sul. De ordem do M. Poderoso Mestre, eu vos anuncio que vamos suspender os nossos trabalhos até a volta dos Nove Eleitos. Anunciado, M. Poderoso Mestre. (T).

SALOMÃO — (Bate TTTTTTTTT-T).

STOLKIN — (Bate TTTTTTTTT-T).

SALOMÃO — (T) — Estão suspensos os nossos trabalhos.

(Todos se levantam e se retiram em ordem, pelo Sul, rodeando o Círculo, quando necessário, isto é, para os que estiverem no Norte há circunvolução).

INTERVALO

Há uma breve recreação para os Irmãos, que devem dirigir-se para a Sala dos PP. PP. ou para outros lugares do Edifício Maçônico, onde ficarão à espera do chamado do M. de CC., por ordem de Stolkin. Os candidatos, porém, devem permanecer na antecâmara ou Atrio, com os Expertos, o M. de CC. e Stolkin, para ensaiarem rigorosamente o 2.º Ato da Iniciação, que é o julgamento de Joaben, um dos iniciandos, o qual, na ocasião devida, deverá entrar na Câmara, preso pelos Expertos (ou por um só Experto, se não houver o outro), com o punhal sangrento na mão direita e a cabeça de Abairam, suspensa pelos cabelos, na mão esquerda. O Experto que fizera o papel de Desconhecido volta a apresentar-se normalmente, sem a venda e com avental e a

Jóia do Grau. Cingirá Joaben com um avental de aprendiz manchado de vermelho (sangue). Se não houver uma cabeça de Abairam, Joaben levará ostensivamente, na mão esquerda, um avental do grau, recurvado e de modo a mostrar o rosto do decapitado. Esse avental servir-lhe-á de vestido, quando consagrado Eleito. Os demais candidatos também entrarão com Joaben (os Oito restantes, ou os restantes e os Irmãos que completarem esse número e que serão dispensados da instrução).

Cada iniciado é também um IAHOBEN, ou Joaben, simples "filho de Deus", expressão iniciática, revelada pelo Desconhecido, cuja personagem, embora representado por um dos Expertos, não mais aparece no 2.º Ato.

Quando Joaben, preso, deverá entrar na Câmara, o 1.º Experto ficará à sua esquerda, segurando-lhe o braço esquerdo e o 2.º à direita, segurando-lhe o braço direito com a mão esquerda, numa atitude de ter de arrastar o acusado, como de fato ocorrerá.

Até serem consagrados, os demais candidatos conservarão o avental de Mestre de Israel.

Este ritual, à maneira dos melhores rituais usados por outros Corpos, não sujeita os candidatos a diálogos que não poderiam decorrer em poucos instantes, a não ser a expressão "Vingança", dispensável e facultativa, para eles. Joaben permanecerá em silêncio, pois terá o seu defensor na pessoa de Stolkin, ou de outro Irmão indicado pelo M. Poderoso Mestre.

Terminada a instrução dos candidatos, Stolkin determinará a volta aos trabalhos. Todos, menos os candidatos e os dois Expertos (ou um só, à direita de Joaben), entrarão em ordem, permanecendo de pé junto aos respectivos lugares, até que o M. Poderoso Mestre ingresse, por último, assumo o Trono e bata uma vez o Malhete ou o Cetro, para sentarem-se todos.

2.º ATO

JULGAMENTO, PERDÃO E CONSAGRAÇÃO

SALOMÃO — (TTTTTTTTT-T) — Irmão Stolkin, que horas são?

STOLKIN — (TTTTTTTTT-T) — O Sol começa a despontar no Nascente. A Luz e a Verdade vêm voltando. É hora de os Nove Eleitos voltarem de sua missão.

SALOMÃO — Mandai verificar se os Nove Eleitos voltaram de sua missão.

STOLKIN — Irmão Guarda da Câmara, verifiquei se os Nove Eleitos voltaram de sua missão.

GUARDA (Abrindo o postigo ou entreabrindo a Porta e voltando-se para o interior da Câmara) — Irmão Stolkin, os Nove Eleitos voltaram e estão com nossos Irmãos Expertos, na antecâmara.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, os Eleitos voltaram e se encontram na antecâmara, com os Irmãos Expertos.

SALOMÃO — Dai-lhes ingresso imediatamente.

STOLKIN — Irmão Guarda da Câmara, fazei entrar os Nove Eleitos.

O M. de Cerimônias encaminha-se para a Porta.

Ao abrir a Porta, o Guarda da Câmara é afastado pelo Experto (que estiver à direita de Joaben), com um ligeiro empurrão dado com o antebraço direito. Joaben, o preso, entra com os demais a segui-lo, mas a todos o M. de CC. intercepta os passos e conduz o séquito à presença de Stolkin.

STOLKIN (levantando-se, assustado) — Que aconteceu? Que desfecho abominável! (Salomão levanta-se e Stolkin prossegue): — Muito Poderoso Mestre, mataram Abi-Ramah e o degolaram, contra as vossas ordens!

SALOMÃO — (T) — (enérgico) — Que surpresa abominável! Conduzi imediatamente à minha presença os que desacatarem as minhas ordens! (Senta-se).

(Stolkin vai à frente, para postar-se ao Sul do Oriente e de frente para o Norte. O séquito o acompanha, com Joaben preso e um tanto arrastado pelos dois Expertos, estes seguidos dos demais Eleitos e o M. de CC.: — O séquito caminha pelo Norte, mas pára diante da Grade do Oriente, no meio e diante do Orador, com Joaben e os Expertos à frente).

SALOMÃO — Eleitos, que fizestes? Quem vos autorizou a praticar esse crime?

ELEITOS — (Não respondem). (Pausa).

SALOMÃO — Fale o principal condutor e diga tudo quanto pode saber!

2.º EXPERTO (ou o único) — Muito Poderoso Mestre, como determinais, passo a relatar-vos tudo quanto me

disseram os Eleitos, quando os inquiri, antes de ingressarem nesta Câmara.

SALOMÃO — Dizei logo tudo quanto sabeis.

EXPERTO (o mesmo) — Estavam os Eleitos a caminho do local indicado pelo Desconhecido. Quando, de longe, avistaram a Caverna oculta por um Espinheiro, Joaben não quis obedecer à decisão de todos repousarem por alguns instantes e se prepararam para prender Abi-Ramah. Joaben quis ser o primeiro(x) a chegar à Caverna e, assim, ocultamente, deixou o acampamento, adiantando-se na caminhada para o local. Ao chegarem os Eleitos à Caverna viram Joaben adormecido, com um punhal e a cabeça cortada de Abi-Ramah a seus pés.

Perceberam os Eleitos que Joaben se vingara e então gritaram: "Vingança!" Ao que Joaben despertou e também exclamou: — "Vingança!" Interrogado, confessou que entrara em luta com Abi-Ramah, a quem atingiu com o punhal várias vezes, a primeira vez no rosto do contendor que gritou: — "Vingança", palavra que a vítima voltou a exclamar sempre que golpeava em outras partes do corpo, até cair morta, ao ser ferida no coração.

Não contente com isso e ainda enfurecido, Joaben cortou a cabeça do traidor. A seguir, saciou a própria sede numa fonte e, cansado, largou a seus pés a cabeça de Abi-Ramah e o punhal, passando a adormecer profundamente, até ser despertado por seus companheiros com a exclamação: — "Vingança!"

Disseram-me os Eleitos que trouxeram Joaben preso e que para ele pedem o perdão real.

SALOMÃO — (a Joaben) — Dizei-me Joaben. É verdade o que acabo de ouvir? Confessais a vossa desobediência e vosso abominável ato de vingança?

JOABEN — Sim.

SALOMÃO — Que vos arrastou à pretensão de ser o primeiro e único a enfrentar Abi-Ramah e por que cometestes esse crime tão abominável?

OS DO NORTE, OS DO SUL E OS ACOMPANHANTES (aqueles levantando-se e todos de punho direito erguido, com o polegar para cima): — Vingança!

(x) — Na iniciática tradicional é censurável a vaidade de imitar "ARKEU" (derivação do grego APKH = o principal, o primeiro, o superior, o que chega antes, etc.).

SALOMÃO — (Bate fortemente (T), e com energia): — Calai-vos todos e sentem-se os que se levantaram! Desde quando aprendestes a apoiar a Vingança? Quantas vezes vos temos ensinado que não se pune um crime com outro crime? (Sentam-se os que se levantaram e todos se calam).

(Breve pausa).

SALOMÃO — Cavaleiro Orador, tendes a Palavra.

ORADOR — (levantando-se e apontando para Joaben) — A Lei diz: — Não matarás! Joaben matou o seu semelhante. Confessou o seu crime e, além disso, exhibe-nos as provas de seu abominável delito. Em sua mão esquerda está a cabeça da vítima e em sua mão direita o punhal homicida.

Jubelum Akirob era de fato um criminoso. Matou a Inteligência que nos guiava na construção do Templo. Porém, não seria um arrependido, disposto a pagar por seu crime? Lembrai-vos que ele fôra pressentido por um dos nossos a exclamar: — "Quisera antes que me dividissem o corpo ao meio, sendo uma parte lançada ao meio-dia e outra ao setentrião, do que ter sido o infame assassino de Hiram Abif!"

Jubelum Akirob podia ser um covarde, por temer a punição que sabia merecida. Por isso, talvez, ocultou-se na Caverna, sofrendo os dramas de sua Consciência, mas sabia perfeitamente que teria de ser julgado regularmente.

Joaben matou Jubelum, impedindo o pronunciamento da verdadeira Justiça, que não admite a punição de um crime por outro crime.

Há outras agravantes contra o acusado. A primeira é a de que desobedeceu à ordem real e cometeu o delito em missão oficial. A segunda é a de ter sido arrastado ao crime pela própria vaidade, eis que desejou ser o primeiro e único a enfrentar Jubelum Akirob. A terceira é ter agido contra um homem já desarmado e apanhado de surpresa.

Vedes esse punhal sangrento? O punhal, durante séculos, tem servido de instrumento homicida, principalmente para o assassinio à traição. Com ele, os poderosos feriram suas vítimas e grandes reis por ele foram mortos, ao comando de ambiciosos que desejavam o poder.

Esse punhal empunhado por Joaben não foi um simples símbolo de luta, como o consideramos. Muito ao contrário, foi o instrumento de negação de Justiça. Jamais

apoiaríamos a vingança privada, assim como jamais poderíamos admitir a substituição da vingança privada pela vingança de Estado. É isso que nós, construtores sociais, jamais devemos esquecer.

Que mais nos ensinou o nosso Código de Moral? Ensinou-nos que a vida do homem pertence ao Supremo Arquiteto do Universo. Do incógnito Eterno surgimos como um átomo insignificante, para voltarmos à mesma condição. Somos pó e ao pó voltaremos a ser. Nosso destino, pela Lei Maior, não é outro. Alguém terá o direito de antecipar o destino de outrém? É claro que não!

Nada mais me resta a dizer. Joaben deve ser punido com a pena máxima prevista em nossa Lei. (Senta-se).

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, peço-vos a palavra, em defesa do acusado.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, todos nós ouvimos a narração dos fatos e a confissão do acusado. Devemos concluir que ninguém viu a luta entre o acusado e o assassino de Hiram Abif. Joaben, Mestre de Israel e humilde filho de Deus, foi aqui recebido e admitido à eleição, com estas palavras: — “De há muito tomais parte nos trabalhos do Templo. Fiel aos vossos compromissos, auxiliaste-nos com lealdade”.

Reconhecido está que Joaben é sincero e leal. Por conseguinte, devemos acreditar que disse a verdade aos seus companheiros, ao afirmar que lutou contra quem era muito mais forte do que ele.

Todos nós conhecemos Jubelum Akirob e sua força. Foi ele quem matou nosso Mestre, vibrando-lhe fortemente o Malho na testa.

O assassino de Hiram poderia subjugar Joaben e matá-lo, se lhe tomasse o punhal. Joaben defendeu-se como pôde, lutando valentemente, até ser obrigado a matar o seu feroz contendor. Lutou também por nossos ideais contra aquele que representava o mal, a traição aos nossos princípios de fraternidade, a violação de nossos sagrados juramentos, enfim.

O destino quis que Jubelum, mau companheiro, sofresse o castigo reservado a um aprendiz. Joaben, excessivamente zeloso, talvez, lembrou-se de seu próprio juramento, ao se iniciar na Construção do Templo. Devemos castigá-lo, por não ter bem entendido as nossas Leis? Tal-

vez tivesse entendido que deveria trazer Jubelum à nossa presença, vivo ou morto, mas todo esse raciocínio, todas essas hipóteses, mesmo em se invocando que ninguém se escusa por ignorância da Lei, não importam ao seu caso. Até agora demonstrado está que Joaben defendeu-se de um contendor mais agressivo e mais forte e com o antecedente de perigoso e traiçoeiro homicida.

Por outro lado, não há que censurar o acusado por ter sido o primeiro a enfrentar Abi Râmah. Joaben quis dar um exemplo aos seus companheiros, para lembrá-los que ainda podem surgir outros traidores em nosso meio. Quem nos livrará dos dissimulados, dos ambiciosos de poder, daqueles que pretendem ocupar, sem merecimentos, o Trono, ao qual todos devemos obedecer?

É certo que Joaben descumpriu a ordem real? Não teria entendido mal a essa ordem?

Entendo que o acusado deva ser absolvido. Não podemos considerar nada além do que o seu suposto ato de desobediência, pelo qual mereceria o perdão real, diante de seu passado de Obreiro fiel e zeloso. Assim, em nome de seus companheiros, dos quais sou representante, como imediato do Muito Poderoso Mestre, espero que o acusado seja absolvido ou perdoado.

(Breve pausa).

SALOMÃO — Os fatos dos quais resultou a morte de Abi Râmah estão plenamente esclarecidos e definido está que Joaben foi o único autor desse trágico desfecho.

Quanto aos Eleitos que acompanharam o acusado, não há negar que faltaram ao dever de vigilância. Estavam todos juntos para a missão de que tinham sido incumbidos. Deveriam zelar por essa união, de modo a não permitir que qualquer deles se afastasse do conjunto de Obreiros da Justiça. (Aos candidatos) — Respondei-me, eleitos, estáveis distraídos quando o acusado se afastou de vós?

CANDIDATOS — (Um por um) — Sim.

SALOMÃO — Cavaleiro Orador, tendes novamente a palavra.

ORADOR — Os Eleitos que acompanharam Joaben acabam de confessar a própria negligência. Isso vale dizer que faltaram aos nossos princípios de solidariedade. Distraíram-se, deixando de cumprir o dever de vigilância. É certo que não participaram do abominável delito prati-

cado por Joaben, nem concorreram conscientemente para o trágico resultado da missão em que todos estavam empenhados, **mas são culpados de omissão, por negligência, o que também é inadmissível entre nós.** Devem ser excluídos de nossa comunidade.

Observo, porém, que se fôr perdoado o principal acusado, a **indulgência** será devida a todos. **Passaremos a Trolha sobre todos esses acontecimentos.** Ao que devo acrescentar que **Indulgência não se confunde com Tolerância.** **A Vingança jamais foi idéia tolerável entre os Obreiros do Templo.**

SALOMÃO — Cavaleiro Stolkin, tendes a palavra.

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, entendo que o ato cometido por Joaben foi imprevisível e que nenhum dos Eleitos pode ser havido como culpado de omissão, pois **todos confiavam na disciplina de união.** Além disso, provado está que todos estavam fatigados, depois de haverem percorrido caminhos difíceis. Não poderiam imaginar que Joaben estivesse menos cansado do que eles todos. Nem poderiam prever qualquer intenção de Joaben.

Devo ressaltar a humildade e a sinceridade com que se portaram todos os acusados, cujas confissões parecem comprometê-los seriamente, sem, entretanto, levar-nos à completa Verdade. Essa Verdade estará na **Consciência** de todos eles, **de modo impenetrável.** Assim, a acusação deixou dúvidas. Como creio haver demonstrado a todos os presentes, não temos elementos para punir qualquer dos acusados, cuja inocência devemos presumir, se todos eles foram considerados sinceros e leais, dignos de serem recebidos entre nós.

Entendo, pois, que todos os acusados devem ser absolvidos. Contudo, é de minha obrigação reiterar o perdão a todos, o que faço apenas como porta-voz dos peticionários desse favor.

SALOMÃO — De acordo com as nossas tradições, Cavaleiro Orador, tendes a palavra, para vossas conclusões.

ORADOR — (Sentado) — Muito Poderoso Mestre, todo perdão pressupõe uma falta. A regra seria a de submetermos à votação, em primeiro lugar, os quesitos pelos quais resolveríamos como cumprir a Lei. Porém, como admitir o pronunciamento dos julgadores presentes, se todos, por suas atitudes durante o processo, revelaram suspeição? Cabe a vós, Muito Poderoso Mestre, conceder

o perdão aos acusados, se os considerardes dignos do favor real.

SALOMÃO — Os que estiverem de acordo com as conclusões do Cavaleiro Orador, manifestem-se pelo sinal de costume.

TODOS — (Fazem o sinal de aprovação).

SALOMÃO — **NEKAJ!** (Pronunciar com “j” aspirado). Quanto me abalou toda essa tragédia e quanto me comoveu tudo quanto ouvi de todos vós (Bate (T) e levanta-se, no que é acompanhado por todos os que estão sentados; (estes, de pé, levam a mão direita ao coração) — Concedo o perdão a Joaben e, por conseguinte, a todos os acusados, cujas faltas deverão ser esquecidas para sempre. Os fatos que se passaram, entretanto, passarão a constituir apenas uma lenda, cujos símbolos, a sugerirem exemplos de Moral, de Bravura e Luta incansável pelos nossos ideais, serão gravados em nossos aventais, como emblemas dos Cavaleiros Eleitos dos Nove. Cavaleiro Mestre de Cerimônias, retirai de Joaben o avental manchado e os de Mestres de Israel dos demais Escolhidos neste ato e vesti a todos apenas com o avental de Cavaleiro Eleito dos Nove.

(O M. de Cerimônias, ajudado pelos Expertos, cumpre a ordem. Tudo terminado, anuncia):

M. DE CERIMONIAS — Vossas ordens foram cumpridas, M. P. Mestre.

SALOMÃO — (Aos candidatos) — Antes de serdes consagrados Cavaleiros Eleitos dos Nove, deveis conhecer, de modo completo, a missão que doravante deveis cumprir e que será objeto de mais uma solene promessa de vossa parte. Irmão Cavaleiro Mestre de Cerimônias, levei os candidatos a sentarem-se, na região do Sul. Cavaleiro Stolkin e Cavaleiros Expertos, podeis ocupar os vossos lugares. (T). Sentemo-nos.

SALOMÃO — Cavaleiro Orador, tendes a palavra.

ORADOR — (Sentado) — Tudo quanto vimos e ouvimos nesta Sessão Magna está impregnado de idéias de um passado remoto e que vieram a aperfeiçoar-se, com o surgir da Maçonaria Especulativa.

Aprendemos agora, de modo mais sugestivo, que o principal e imutável segredo da Maçonaria é **ENCONTRAR A VERDADE**, mas que nossos meios de ação nunca foram os da violência. O punhal, para nós, é apenas um

símbolo de nossa luta incansável em busca da Verdade. Nossa única arma é a INTELIGÊNCIA.

Hiram representa a Inteligência. Quantas vezes foi assassinado, em detrimento da continuidade da Construção do Templo Social e quantas vezes ressuscitou para lutar com as armas que a Justiça e o Gênio lhe têm entregue sucessivamente!

A nossa consagração como Cavaleiros Eleitos dos Nove nos obriga a entrar para uma vida de combates, de acordo com os planos da Maçonaria. Todos, unidos em torno da Sublime Instituição, devemos lutar como ela. **Nenhum de nós deve apartar-se de outros e ninguém deve atrever-se a obter o primeiro lugar, nessa luta.**

Vós, candidatos que esperais essa consagração, deveis compreender que vossas promessas não mais se restringirão a vagas obrigações de probidade. Vossos compromissos serão muito mais sérios e mais definidos.

Jamais vos exigiremos o que vossa consciência condenar e que abdiqueis de vosso livre arbítrio. Podereis emitir vossa opinião sobre todas as coisas, mas respeitareis as nossas decisões, desde que bem intencionadas, justas e legais. Quando vossa Razão, de acordo com vosso juramento, vos impelir à ação, agireis.

Se não tiverdes confiança na Obra Maçônica, deveis deixar-nos. Se vos faltar a bravura que exigimos de todos, afastai-vos da Sublime Ordem. Nossa Força não está em número. Está em maçons de caráter firme e decidido, capazes de lutar contra os nossos inimigos e contra os pretenciosos que medram e vivem de nossa tolerância.

Nosso lema é o da confiança mútua, o que não nos impede de estarmos sempre vigilantes. Sempre surgem traidores entre nós, como surgem ambiciosos e vaidosos que pretendem assumir os mais elevados cargos de nossa Ordem, invocando apenas seus direitos, sem jamais haverem demonstrado, por julgamento de outros Irmãos, os próprios méritos. São esses que usam apenas da Régua, ou do direito pessoal, para nos agredir, e que, se empunharem o Malhete, poderão abalar os alicerces da Sublime Instituição.

Em nosso meio podem surgir também elementos anódinos. São os acomodados, sem espírito de luta. Uns se assemelham a certos poetas: emocionam a todos com frases bem construídas, repassadas de muitos louvores aos

Irmãos e à nossa Augusta Instituição, sem transmitir qualquer mensagem de ação e dinamismo. Outros vegetam simplesmente nas Lojas e esperam ansiosamente os banquetes. Esses fazem da Maçonaria mero espetáculo, ou um palco para exposições e afirmações pessoais. Não serão os Escolhidos e, praticamente, nunca passaram de Aprendizes.

Muitos falam, em termos indignados, da concupiscência, da infâmia, da corrupção e de todos os vícios, mas a sua voz se perde entre Colunas.

Quantos se mostram pusilânimes, mesmo diante de um sacrifício do menor prazer! Quantos outros se mostram avarentos, ao se lhes pedir a mínima parcela de seus bens!

Reunidos em Loja, é muito fácil falarmos sem nos comover. Cumpriremos amanhã tudo quanto hoje ensinamos, discutimos, decidimos e juramos?

Eis o problema que se apresenta mesmo entre os Maçons, que são seres humanos e, por conseguinte, inclinados a falhar! Quantos se dizem bons Maçons! Para saber-mos se o são, é preciso conhecê-los muito bem e tanto na vida maçônica, em tudo quanto se relacione com a Sublime Ordem, como na vida pública e na vida privada.

Quanto à vida maçônica, cumpre observar que nosso entusiasmo pela Instituição jamais deve arrastar-nos ao exagero que se compara ao condenável fanatismo. Não nos interessa o Maçom fanático, dado a criticar ou censurar seus Irmãos pela mínima falta ou sempre entretido a corrigir supostos erros. Ou aqueles que, em nome da disciplina, interpretam os regulamentos de maneira draconiana. Maçonaria é ensinamento constante e praticado com respeito e humildade.

Agora deveis saber o que significa realmente o exoterismo maçônico. Maçonaria é ação que deve refletir-se e objetivar-se exteriormente. Somos Construtores do Templo Social. Por conseguinte, não podemos admitir Maçonaria puramente contemplativa.

A Sublime Instituição não se limita a defender passivamente os seus princípios. Também luta, servindo-se da Inteligência de seus Obreiros, para instaurar no mundo o Templo Social. Fique bem claro que instaurar não quer dizer impôr. Imposição é violência.

O objetivo maçônico é realizar o máximo possível de harmonia de homem e sociedade. Esse fim maçônico não se restringe a puro idealismo. É científico e está fundado na observação histórica, à luz das velhas normas da Sabedoria.

O homem é um ser eminentemente social. Para alcançar a Fraternidade Universal, a verdadeira Igualdade e a Verdadeira Justiça, pela qual não haverá proveito algum em fazer mal os outros, pela qual de nada adiantarão a ambição e o orgulho, há muito que fazer, sem dúvida, mas nada poderá ser feito se não existir pelo menos uma Instituição entregue a esse trabalho de amplidão sem par. Essa instituição é a Grande Oficina Maçônica. E não existe outra, pois o que se tem visto até hoje são agrupamentos organizados ou não, que buscam apenas adaptar os indivíduos aos próprios meios em que vivem, ou às próprias doutrinas sectárias.

Persistem no mundo a ignorância e a miséria. Esses dois males andam sempre juntos e um deles pode ser causa do outro, como também a consequência. Muitos mantêm sob o tacão do despotismo esses dois males, sempre em proveito próprio ou dos grupos que dirigem. Há também os indiferentes e omissos, mais pusilânimes, porém não menos nocivos à construção do Templo Social.

A Instrução acessível a todos os indivíduos é o lema fundamental da Maçonaria. A Sublime Instituição, desde os tempos da construção das catedrais, exerceu o mister de ensinar gratuitamente e a Maçonaria Especulativa, por sua vez, esteve sempre na vanguarda contra o analfabetismo e a favor do ensino sob todos os aspectos, inclusive o profissional, sem esquecer a importância da Instrução Moral e Cívica.

Não se combate a Ignorância com discursos proferidos nas Lojas. Todo Maçom tem por dever contribuir para a Instrução e, se for homem de Estado, ou representante do povo, deverá exigir dos poderes constituídos maiores verbas para a disseminação do Ensino.

Não se pode esquecer, por outro lado, que a Maçonaria prefere o ensino laico, por ser o mais adequado às normas de Tolerância, isto é, por ser o mais equidistante de todas as crenças.

Agora deveis entender a nossa constante luta pela preservação dos Direitos do Homem, a mais importante

das conquistas maçônicas. Não se trata propriamente de uma causa política, ou de uma pregação destinada a favorecer este ou aquele partido político. A Maçonaria não cuida de política, pois nunca foi sectária. Construtora da Harmonia Universal, da qual a Loja Maçônica é um exemplo, a Instituição reconhece o realismo dos contrastes das idéias humanas e a possibilidade de confraternizar a Humanidade a caminho de uma síntese pela qual as facções deixarão de existir.

O Supremo Arquiteto do Universo nos dotou de Intelligência. Cada indivíduo manifesta as suas próprias tendências. A personalidade de cada um pode formar-se por caracteres hereditários ou por influências do meio natural ou social, mas há uma realidade predominante — o Espírito.

Se considerássemos as coletividades humanas apenas como uma soma aritmética ou estatística de indivíduos, cometeríamos um erro grave. Seria o mesmo que contar manadas de irracionais.

Daí concebemos que a melhor organização de Estado é aquela que respeita ao máximo a soma das vontades populares, dentro de uma Ordem. Entendemos, pois, que um governo se legitima somente por delegação do povo e que o povo deve escolher livremente os seus representantes. A existência de partidos é necessária, pois a dialética é uma das melhores manifestações do Espírito e a única maneira de se contrabalançarem opiniões e de se chegar a uma conclusão aproveitável.

Claro está que não cogitamos de Liberdade sem Responsabilidade. Razão pela qual deveremos lutar contra os erros que podem arrastar as nações à desgraça. E a maior das desgraças é aquela que arrasta os governos ao despotismo, à tirania ou às oligarquias, a ditaduras deste ou daquele grupo. Sufocada a Liberdade, a Verdade não aparece, a não ser mais cedo ou mais tarde, como Hiram redivivo. A História sempre tem comprovado esse desenlace.

Diante de tudo isso que expusemos, podeis agora conhecer as vossas responsabilidades de Maçom e, principalmente, de Cavaleiros Eleitos dos Nove. Onde estiverdes, quer como simples cidadão, quer como autoridade, representante do povo, ou defensor da Pátria, deveis cumprir e fazer cumprir todos esses princípios hauridos da verdadeira Ciência da Construção Social.

Em suma, deveis manter sempre erguido e forte o vosso Templo íntimo, o que vos habilitará a construir o Templo Social.

As duas divisas do Cavaleiro Eleito dos Nove são as seguintes: SÊ BRAVO CONTRA TUAS PRÓPRIAS FRAQUEZAS E SÊ BRAVO PARA DEFENDER A VERDADE. Ambas servem para lembrar-vos que jamais vos acomodareis ou adormecereis na fiscalização das próprias ações e na luta contra todos os males que afligem a Humanidade. Não vos dobrareis às injustiças, à corrupção, às tiranias, ao cerceamento das Liberdades Fundamentais. Se a Verdade for encoberta pela opressão e se fordes obrigados ao silêncio, preparai o vosso Espírito, para fazê-la surgir ou ressuscitar, eis que, para agirdes, tendes a mais poderosa das armas: A INTELIGÊNCIA empregada por uma CONSCIÊNCIA BEM FORMADA.

SALOMÃO OU MUITO PODEROSO MESTRE — Cavaleiro Mestre de Cerimônias, conduzi os candidatos diante do Círculo e à frente do Altar de Juramento. Cavaleiros Expertos, acompanhai o Cavaleiro Mestre de Cerimônias.

(O M. de CC. . . cumpre a ordem e os candidatos, em fila e mais para o Ocidente, com o primeiro deles à entrada do Círculo, ficam à frente do Altar de Juramentos).

MUITO PODEROSO MESTRE — (Aos candidatos) — Irmãos (nomes), já prestastes o juramento do grau 9.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Ouvistes, agora, quais os deveres irrecusáveis de um Cavaleiro Eleito dos Nove. Jurais cumprir e fazer cumprir esses deveres?

CANDIDATOS — (Um por um, dando um passo à frente com o pé direito e estendendo o braço direito horizontalmente, responderá): — **EU O JURO!** (a seguir, cada candidato, com um passo à sua esquerda, desviar-se-á para o Norte, para dar lugar ao que lhe sucede no juramento; os Expertos e o M. de Cerimônias ajudarão essas práticas; terminados os juramentos):

MUITO PODEROSO MESTRE — Cavaleiro Mestre de Cerimônias e Cavaleiros Expertos, conduzi os candidatos ao Oriente, para serem consagrados.

(Cumpre-se a ordem).

MUITO PODEROSO MESTRE — (Bate (T); ele e todos se levantam e assumem a posição cordial; ele, do Trono,

estende o braço direito e a mão direita, como se abençoasse os candidatos, com a mão um pouco acima de suas cabeças e proclama):

— **A GLÓRIA DO SUPREMO ARQUITETO DO UNIVERSO E EM NOME DO SUPREMO CONSELHO DOS GRAUS ESCOCESSES 4.º A 33.º EU VOS CONSAGRO E PROCLAMO CAVALEIROS ELEITOS DOS NOVE.**

SALOMÃO (prossequindo): — Os demais Irmãos podem sentar-se. (Aos candidatos) — Passo a comunicar-vos os sinais, toques e palavras do grau. Irmão Mestre de Cerimônias e Irmãos Expertos, ajudai-me.

(Com o auxílio das instruções constantes do item V deste ritual e ajudado pelos Expertos e pelo M. de Cerimônias, o Muito Poderoso Mestre cumpre a comunicação; v. pg. 9 e 10 deste ritual).

(Terminada a comunicação):

MUITO PODEROSO MESTRE — Eu vos condecoro com fita de Cavaleiro Eleito dos Nove. É o símbolo da nossa aliança. O punhal, que a acompanha, simboliza o dever de lutarmos por nossos princípios e pela causa da Verdade e da Humanidade.

(O M. . . de CC. . . coloca as fitas nos candidatos).

(Tudo cumprido):

MUITO PODEROSO MESTRE — Cavaleiros Expertos, podeis voltar aos vossos lugares. Cavaleiro Mestre de Cerimônias, conduzi os novos Cavaleiros Eleitos dos Nove à presença do Irmão Stolkin, para serem reconhecidos e novamente proclamados.

(Stolkin reexamina os que lhe vão sendo apresentados, um por um e terminado o reconhecimento):

STOLKIN — Muito Poderoso Mestre, os novos Cavaleiros Eleitos dos Nove foram por mim reconhecidos como tais.

MUITO PODEROSO MESTRE — (Bate (T), levanta-se e todos acompanham, com o sinal cordial) — Meus Irmãos, saudemos os novos Cavaleiros Eleitos dos Nove pela Bateria do Grau — TTTTTTTT-T.

M. DE CERIMÔNIAS — (do Ocidente, onde já deve estar com os novos Eleitos) — Muito Poderoso Mestre, peço-vos licença para retribuirmos esses aplausos — TTTTTTTT-T (com palmas).

MUITO PODEROSO MESTRE — Cubramos esses aplausos — TTTTTTTT-T; sentemo-nos. Irmão Mestre

de Cerimônias, levai os novos Eleitos a aporem o seu "ne varietur" no Livro de Presença e conduzi-os, depois, aos lugares que lhes cabem.

Cumprida a ordem, segue-se o giro do Tronco de Beneficência e a Palavra (v. itens XVIII e XX deste ritual, págs. 21 e 22). A Palavra se restringe ao ato. Segue-se o

ENCERRAMENTO DA INICIAÇÃO

SALOMÃO — Irmão Stolkin, sois Eleito dos Nove?

STOLKIN — Entrei numa caverna iluminada por uma lâmpada que me fez ver uma fonte cristalina, na qual aplaquei minha sede.

SALOMÃO — Quem encontrastes na caverna?

STOLKIN — Jubelum Akirob, alcunhado Abi-Râmah, também conhecido por Abairam, o matador de nosso Mestre Hiram Abif. O criminoso dormia e tinha a seus pés um punhal.

SALOMÃO — Que representa Hiram Abif entre os Eleitos dos Nove?

STOLKIN — A Inteligência que descobre a Verdade, cuja condição de existir é a Liberdade consagrada pelo Direito Natural e pelas nações realmente civilizadas.

SALOMÃO — Que representa Abairam?

STOLKIN — Tudo quanto é mal, como os vícios, as paixões ignóbeis, a corrupção, o crime, a ignorância e todo cerceamento à Liberdade.

SALOMÃO — Quem vos guiou à caverna?

STOLKIN — Um desconhecido, com o qual percorri caminhos difíceis, até encontrar um Espinheiro que cobria a caverna.

SALOMÃO — Que representa a Caverna?

STOLKIN — A Consciência Humana.

SALOMÃO — Que representa o Espinheiro?

STOLKIN — A ignorância e seus maus frutos, os preconceitos, o fanatismo, o dogmatismo e tudo quanto possa impedir que a Luz penetre na Consciência Humana.

SALOMÃO — Abairam está realmente morto?

STOLKIN — Caiu sob os meus golpes de punhal e cortei-lhe a cabeça, mas sempre revive nas consciências humanas.

SALOMÃO — Hiram Abif está morto?

STOLKIN — Tem tombado inúmeras vezes. O crime contra ele é sempre perpetrado. Contudo, ele sempre revive, como a Verdade indestrutível. **Hiram é imortal.**

SALOMÃO — Que idade tendes, Irmão Stolkin?

STOLKIN — Oito e um anos completos.

SALOMÃO — Que horas são?

STOLKIN — Anoitece. Os Eleitos partem para cumprir a sua missão.

SALOMÃO — (Bate — TTTTTTTTT-T).

STOLKIN — (Bate — TTTTTTTTT-T).

(Todos se levantam e levam a mão direita ao coração).

SALOMÃO — Irmãos Eleitos dos Nove! Pela causa da verdadeira civilização! Pela Luz que deve iluminar a Consciência Humana! Pelo extermínio da Ignorância e em defesa da Ciência e do ensino em todos os graus! Pelo reino da Verdade e da Justiça, **EM GUARDA!**

(Todos desembainham as Espadas e as apontam para o Trono. Os que não estiverem armados, simulam essa atitude).

(Pausa curta, para contemplação).

SALOMÃO — Embainhai vossas espadas, Irmãos.

(Os Irmãos cumprem a ordem e voltam à posição cordial).

— A mim, meus Irmãos, pela Bateria (TTTTTTTTT-T; todos acompanham a Bateria).

SALOMÃO — Estão encerrados os nossos trabalhos. Convoco os Irmãos para a próxima sessão a realizar-se às horas, do dia Retiremo-nos em paz.

(Todos se retiram cumprindo as regras de circunvolução, em torno do Círculo. Os do Oriente apenas passam pelo Sul, os do Sul saem diretamente e os do Norte dão a volta).